

**Aspectos Psicossociais Relacionados à Satisfação Corporal de Lésbicas e Mulheres  
Bisexuais Brasileiras**

Ana Karina Robinson

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob orientação do  
Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Instituto de Psicologia  
Agosto, 2021

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Inês e Daniel, e minha irmã, Luciana, pelo apoio incondicional e amor dedicados. Pela união e perseverança frente às adversidades.

Ao meu orientador Adolfo Pizzinato, pela compreensão, bom humor, amabilidade e dedicação. Obrigada pela presença constante e apoio incondicional.

À Ana Paula Lazzaretti de Souza, Carmen Marilei Gomes e Mariana Bauermann, por todo incentivo.

Ao Bruno de Brito Silva, por tudo.

Ao Damião Soares de Almeida Segundo e ao Cristiano Hamann, por todo auxílio, disponibilidade e gentileza.

Ao Augusto Dias, por todas as conversas e risadas.

A Bárbara Stein, Gisa Schmitz, Jean Von Hohendorff, Marília Sohne, Juliano Arnold, Andrea Konrath, Ederson Kasper Ulmann, Tatiana Ferreira, Cristiane Fragoso, Renata Zanella, pela amizade.

À Camila Rama, pelo incentivo.

À Gabriela Gehlen, por acolher minhas angústias.

À Ana Paula Toome Wauke e à Ana Luisa Campos Moro, por todo apoio.

Aos meus colegas do NEPsiD, pelas ideias e saberes compartilhados.

À UFRGS e ao CNPq, por me proporcionar um ensino de qualidade.

Aos meus familiares, demais amigos e colegas que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado.

À Iara, por todo apoio, compreensão, paciência e amor. Obrigada por tudo!

A todes que tornaram este trabalho possível.

Muito obrigado!

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	2
SUMÁRIO .....	3
LISTA DE TABELAS .....	5
LISTA DE FIGURAS .....	6
RESUMO .....	7
ABSTRACT .....	8
APRESENTAÇÃO .....	10
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO II – Satisfação corporal de Lésbicas e Mulheres Bissexuais Brasileiras: Autoestima, Perfeccionismo Físico e Processos Identitários .....	25
Introdução .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Método .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Participantes .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Procedimento de coleta de dados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Instrumentos .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS – Lésbicas) ..	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Escala de Perfeccionismo para a Aparência Física (PAPS) ....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Lesbian, Gay, and Bisexual Identity Scale (LGBIS-Lesbian) ..	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Análise de Dados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Resultados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Discussão .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Considerações finais .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
CAPÍTULO III - Imagem Corporal: Marcadores Sociais, Normas Socioculturais e Autoestima em Narrativas de Lésbicas e Mulheres Bissexuais .....	26
Introdução .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Método .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Delineamento e Participantes .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Considerações éticas .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Instrumentos .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Análise de dados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Resultados .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Satisfação Corporal .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

Perfeccionismo Físico .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Autoestima.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Identificações Lésbica e Bissexual.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Discussão.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Considerações Finais .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
CAPÍTULO IV – Considerações Finais .....	27
Referências .....	31
Anexo A - Questionário Sociodemográfico .....	42
Anexo B - Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas.....	44
Anexo C - Escala de Perfeccionismo para a Aparência Física (PAPS).....	46
Anexo D - Escala de Autoestima de Rosenberg.....	47
Anexo E - Escala de Identidade – LGBIS .....	48
Anexo F - Parecer Consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	52
Anexo G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudo 1 .....	56
Anexo H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudo 2 .....	58

## LISTA DE TABELAS

### Capítulo II

Tabela 1. Características Sociodemográficas das participantes. ....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Tabela 2. Correlação entre satisfação corporal, perfeccionismo para a aparência física, autoestima e as dimensões da LGBIS.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Tabela 3. Modelos de Regressão Hierárquica para a predição da Satisfação Corporal. ....	36

### Capítulo III

Tabela 1. Características Sociodemográficas das participantes.....	54
--	----

## LISTA DE FIGURAS

### Capítulo III

Figura 2. Mapa temático.....	55
------------------------------	----

## RESUMO

Esta dissertação investigou a relação entre aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras. Foram realizados dois estudos empíricos de métodos mistos – quantitativo e qualitativo - sequenciais. O primeiro estudo examinou as associações entre a satisfação corporal e as identificações como lésbica e mulher bissexual. Investigou ainda o papel da autoestima e do perfeccionismo físico sobre a satisfação corporal nesse público. Participaram do estudo 337 mulheres brasileiras com idade entre 18 e 61 anos ( $M = 27.56$ ;  $SD = 7.25$ ), a maioria auto-identificada como cisgênero (95.5%), lésbica (73%), ou bissexual (17.6%). Algumas participantes também identificaram-se com outras orientações sexuais (e.g., sapatão, pansexual, assexual, e *queer*), e outras identidades de gênero (e.g., gênero fluído e sapatção). Os resultados sugerem que há uma conexão direta entre satisfação corporal e as identificações com as lesbianidade e bissexualidade, com as identificações LB explicando 4,4% da satisfação corporal. Já as identificações LB, a autoestima global e o perfeccionismo físico explicaram 20,7% da satisfação corporal. São discutidos aspectos psicossociais e culturais implicados na relação entre as variáveis sob uma perspectiva positiva e protetiva frente às pressões sociais e estéticas sobre os corpos das mulheres. O segundo estudo buscou compreender a percepção de lésbicas e mulheres bissexuais acerca da pressão social e estética corporais, especialmente por meio das mensagens veiculadas na mídia e redes sociais. Os rígidos padrões de beleza e estética corporal tem destacado um aumento significativo nos níveis de insatisfação com a aparência. As mulheres heterossexuais parecem estar mais vulneráveis a essa pressão para atender aos padrões de beleza estética que valorizam a magreza extrema, a branquitude, a juventude e heterossexualidade e as expressões de feminilidade. No entanto, tem sido teorizado que as lésbicas e mulheres bissexuais pertencem a uma subcultura que parece ser protetiva dessas demandas, por recusarem os padrões estéticos heteronormativos. Oito mulheres brasileiras autodeclaradas lésbicas e bissexuais foram entrevistadas sobre suas experiências quanto à pressão social para atender a tais requisitos. A análise temática de suas narrativas sugere que mulheres mais identificadas com as lesbianidades sentem-se mais satisfeitas com sua aparência física. Essa satisfação está positivamente associada à autoestima, aos aspectos positivos da identidade sexual, além de maior liberdade quanto às expressões de gênero que não conformam o binarismo. Por outro lado, mulheres que relataram uma menor identificação enquanto lésbicas, referiram baixa autoestima; níveis mais elevados de perfeccionismo físico e comparação social e menores níveis de satisfação corporal. Foram discutidos os aspectos psicossociais e culturais implicados nesse âmbito, marcadores sociais,

normas socioculturais, autoestima e demais aspectos que impactam positiva e negativamente as suas experiências cotidianas. São discutidos os aspectos psicossociais e socioculturais em disputa nessa relação entre imagem corporal e as identificações lésbica e bissexual. São apresentadas as contribuições, limitações e perspectivas para estudos futuros nesse campo.

*Palavras-chave:* Imagem corporal; Identificações lésbica e bissexual; Influências socioculturais; Autoestima; Padrão de beleza.

## ABSTRACT

This dissertation investigated the relationship between psychosocial aspects related to body satisfaction in Brazilian lesbians and bisexual women. Two empirical studies of mixed methods - quantitative and qualitative - sequential were carried out. The first study examined the associations between body satisfaction and identifications as lesbian and bisexual. It also investigated the role of self-esteem and physical perfectionism on body satisfaction in this audience. A total of 337 Brazilian women aged between 18 and 61 years ( $M = 27.56$ ;  $SD = 7.25$ ) participated, mostly self-identified as cisgender (95.5%), lesbian (73%), or bisexual (17.6%). Some participants also identified with other sexual orientation labels (e.g., dyke, pansexual, asexual, and *queer*), and other gender identities (e.g., genderfluid and dyke). The results suggest a direct connection between body satisfaction and identifications with lesbianism and bisexuality, with LB identifications explaining 4.4% of body satisfaction. LB identifications, self-esteem, and physical perfectionism explained 20.7% of body satisfaction. We discussed the psychosocial and cultural aspects between the variables under a positive and protective perspective against social and aesthetic pressures on women's bodies. The second study sought to understand the perception of lesbians and bisexual women about social pressure through bodies, especially that messages conveyed in media and social network. The strict standards of beauty and body esthetics have highlighted a significant increase in levels of dissatisfaction with appearance. Heterosexual women seem to be more vulnerable to this pressure to achieve standards of aesthetic beauty that value extreme thinness, whiteness, youth, heterosexuality, and femininity. However, it theorized that lesbians and bisexual women belong to a subculture that appears to be protective of these demands by refusing heteronormative aesthetic standards. Interviewed a total of eight self-declared lesbian and bisexual Brazilian women about their experiences of social pressure to reproduce these beauty standards. Thematic analysis of their narratives suggests that women more identified with lesbianities feel more satisfied with their physical appearance. This satisfaction is positively associated with self-

esteem, positive aspects of sexual identity, in addition to greater freedom regarding gender expressions that do not conform to binarism. On the other hand, women who reported less identification as lesbians reported low self-esteem; higher levels of physical perfectionism and social comparison, and lower levels of body satisfaction. We discussed Psychosocial and cultural aspects involved in this context, social markers, sociocultural norms, self-esteem, and other aspects that positively and negatively affect their daily experiences. We also discussed psychosocial and sociocultural aspects in dispute in this relationship between body image and lesbian and bisexual identification. We presented contributions, limitations, and perspectives for future studies in this field.

*Keywords:* Body image; Lesbian and Bisexual Identifications; Sociocultural influences; Self-esteem; Beauty standards.

## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação foi organizada a partir do interesse sobre a imagem corporal e marcadores que se interseccionam por meio da orientação sexual e expressão de gênero em pessoas que se identificam como lésbicas ou mulheres bissexuais. Essas temáticas, apesar de discutidas desde os anos 1980 e com maior força a partir dos anos 1990, especialmente nos Estados Unidos e a Reino Unido, ainda tem recebido pouca atenção de pesquisadores. A imagem corporal, assim como as orientações sexuais e expressões de gênero, está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento do autoconceito e das identidades. São elementos que orientam o modo como percebemos a nós e aos outros e também sinaliza a forma como somos percebidos. Nesse âmbito a pesquisa pretendeu, por meio de dois estudos empíricos de métodos mistos – quantitativo e qualitativo – sequencial, investigar as associações entre a satisfação corporal, a autoestima, o perfeccionismo físico e processos identitários de lésbicas e mulheres bissexuais residentes no Brasil. A dissertação também suscitou a discussão sobre aspectos sociodemográficos e normas socioculturais que influenciam a imagem corporal nesses grupos. Entre eles destacam-se a pressão social sobre a estética corporal heteronormativa. A hipervalorização da magreza, da juventude, da branquitude, das expressões e comportamentos associados à feminilidade como padrão de beleza desejável e socialmente aceito.

O primeiro capítulo apresenta um panorama dos estudos sobre imagem corporal e suas implicações na saúde física e mental das pessoas em geral. Ele se organiza por meio da apresentação de pesquisas que examinaram associações com outros marcadores identitários e socioculturais (e.g., orientação sexual, idade, raça/etnia, escolaridade, região do país onde vive, identidade e expressão de gênero); e aspectos psicológicos como a autoestima e o perfeccionismo físico. Figuram nesse capítulo as perspectivas teóricas que orientam o campo de discussão, buscando explorar elementos que predizem a satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras.

O segundo capítulo apresenta, em formato de artigo, os dados quantitativos analisados a partir da aplicação de instrumentos padronizados utilizados para acessar e medir os níveis de satisfação corporal, autoestima global, perfeccionismo físico e identidade LB (lésbica e bissexual). O artigo intitulado Satisfação Corporal de Lésbicas e Mulheres Bissexuais Brasileiras: Autoestima, Perfeccionismo Físico e Processos Identitários examina aspectos psicossociais e identitários relacionados à satisfação corporal nesses grupos. A principal motivação desse estudo reside em investigar se há uma relação direta entre imagem corporal e orientação sexual em uma amostra de

mulheres adultas residentes no Brasil. A partir disso, foi hipotetizado que a identificação enquanto lésbica ou mulher bissexual não explicaria de forma direta a satisfação corporal. No entanto, a partir de um modelo no qual figurassem outros aspectos psicológicos como a autoestima e o perfeccionismo físico que, aliados à identificação sexual, poderiam apresentar uma explicação significativa para a satisfação corporal nesse público.

O terceiro capítulo traz, em formato de artigo, os dados qualitativos analisados a partir da realização de entrevistas semi-dirigidas com oito participantes que apresentaram os maiores e menores escores em cada um dos quatro instrumentos aplicados na fase quantitativa da pesquisa. Na segunda etapa, as participantes foram questionadas sobre os padrões de beleza, em especial, os que figuram nas mídias e redes sociais; as identificações com as lesbianidades e bissexualidades; as percepções e preocupações corporais, além de questões derivadas das variáveis investigadas na etapa quantitativa da pesquisa. Esse estudo partiu do interesse em compreender a percepção que lésbicas e mulheres bissexuais possuem sobre os padrões estéticos e as pressões sociais sobre o corpo fundamentadas em uma lógica heteronormativa que reproduz diversas formas de opressão, preconceito, discriminação e exclusão.

Finalizando essa dissertação, apresenta-se o quarto capítulo, que é dedicado às considerações finais que destacam os principais achados e contribuições que compõem esta dissertação. Nessa seção são apresentadas reflexões sobre aspectos teóricos e empíricos que se conectam ou contrastam entre os dois estudos. Constatam-se localizadas as limitações percebidas, bem como as perspectivas para estudos futuros nesse campo de discussão.

## CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

A imagem corporal é considerada, de forma primária, como a representação mental do tamanho, forma e contorno corporal. Trata-se de um fenômeno perceptivo complexo e multidimensional que é influenciado por uma variedade de aspectos biológicos, individuais, históricos e socioculturais (David, 1994). A imagem corporal ou aparência física, como também é referida em diversos estudos (e.g., Rothblum, 1994; Yang & Stoeber, 2012), tem se configurado como um construto multidimensional, em pesquisas que o integram a outras variáveis, que ajudam a explicar a forma pela qual as pessoas se relacionam com seus corpos, como gênero, etnia, idade, cultura (Cash & Smolak, 2011), e orientação sexual (Koff et al., 2010). Ela pode ser compreendida como uma experiência individual, visto que é intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento do autoconceito, bem como da identidade, pois orienta o modo pelo qual percebemos e somos vistos pelos outros, considerados os aspectos ambientais, culturais e afetivos (Tavares, 2003).

Historicamente os estudos sobre imagem corporal fundamentados em aspectos psicológicos avançaram de forma expressiva tanto no campo teórico, como no clínico. A partir da década de 1990 houve um crescimento significativo na produção de pesquisas relacionadas à imagem corporal, em especial aquelas dedicadas à compreensão e manejo de distúrbios alimentares (e.g., anorexia, bulimia, compulsão alimentar e obesidade). A insatisfação com o corpo e as mudanças nos padrões de alimentação são considerados fatores de risco para o desenvolvimento tanto de distúrbios alimentares, como de saúde mental. Este efeito é mais frequente em mulheres, tendo em vista os padrões estéticos, com enfoque na magreza extrema. Ainda outros fatores de risco mais proeminentes podem ser a baixa autoestima e o perfeccionismo disfuncional (Carper et al., 2010; Fairburn & Harrison, 2003).

A relevância dos estudos desenvolvidos sob este escopo é importante, considerando que a partir de seus resultados, esses estudos originaram pesquisas que objetivam conhecer quais são os fatores de risco envolvidos no desenvolvimento dos transtornos alimentares (Cash & Smolak, 2011), destacando que a insatisfação corporal atua como um dos principais elementos desencadeadores desses processos de adoecimento físico e psicológico (Buote et al., 2011; Lira et al., 2017; Stojcic et al., 2020). Este importante número de publicações sobre imagem corporal culminou em 2004 com a primeira publicação da revista *Body Image* denotando o crescente interesse de pesquisadores pelo tema (Grogan, 2016). Desde sua primeira edição, o pesquisador e editor da revista Thomas Cash procurou incentivar pesquisadores a produzir conhecimento sob uma perspectiva positiva da imagem corporal (Cash, 2004). Essa nova visão sobre a temática foi e

continua representando um importante marco para a área. A partir dela, alguns autores passaram a investigar elementos associados à apreciação corporal, satisfação corporal e aceitação das corporalidades fundamentada em uma concepção mais abrangente de beleza. Esses elementos podem atuar como fatores protetivos, melhorando os relacionamentos interpessoais e afetivos, além de auxiliar na filtragem das mensagens recebidas pela mídia (Tylka & Wood-Barcalow, 2015). Para alguns autores, “a satisfação corporal é o principal preditor de maior apreciação corporal, seguido da autoestima, das atitudes alimentares e de menor influência da mídia”(Amaral et al., 2019, p.16).

Há uma supervalorização de certos padrões estéticos na sociedade, particularmente de corpos nas mídias, onde figura a hipervalorização da magreza corporal para as mulheres e da muscularidade magra para os homens. As diferentes culturas das sociedades - especialmente as ocidentais - têm ditado a magreza como padrão de beleza feminina há muitos anos, especialmente pós Segunda Guerra Mundial (Grogan, 2016). Ainda que qualquer revisão histórica desses padrões ilustra facilmente sua volatilidade em diferentes momentos da sociedade ocidental, muitas pessoas se valem dos padrões estéticos corporais midiáticos atuais - utópicos para a maioria das pessoas - para compararem-se quanto a atributos de beleza e aparência corporal e, portanto, tê-los como uma medida valorativa de si mesmo (Holland & Tiggemann, 2016; Strahan et al., 2006).

Na atualidade, a aparência física figura como aspecto avaliativo central para a maioria das mulheres e parece ser um domínio particularmente usado - majoritariamente imposto - para a obtenção de atenção, valorização e reconhecimento sociais (Troop et al., 2003). Loureiro (2014) pesquisou, por meio de suas participantes, os termos indutores mulher bonita, corpo feminino bonito e corpo feminino na mídia, e identificou que a mulher é definida esteticamente por meio de sua aparência física (e.g. cabelo, corpo, magra e sorriso). Esse achado pode indicar que o conceito de beleza é particularmente orientado e compreendido por meio da aparência exterior. Além disso, o estudo mostrou que a relação entre corpo feminino (i.e., musculoso e curvilíneo) e a mídia, suscitou uma série de pensamentos e afetos negativos nas participantes do estudo.

Analisando este panorama, depreende-se que a (auto)imagem corporal pode ser influenciada pelas imagens veiculadas na mídia e são as mulheres quem mais podem estar vulneráveis a esses efeitos, como sugere a teoria da comparação social - pelo tipo de atributos que socialmente se espera delas (Grogan, 2016). O peso da comparação social é algo que pode ser analisado também em termos cognitivos. Já em 1954, Leon Festinger desenvolveu uma teoria que explica dois padrões de comparação social: *downward* e *upward comparison* (Festinger, 1954;

Grogan, 2016). A exemplo, na comparação tipo *downward* (descendente), as pessoas tendem a se comparar a outras que elas acreditam possuir atributos inferiores aos seus. A comparação do tipo descendente pode suscitar, em certa medida, pensamentos e emoções positivos. E, em níveis mais intensos, revelar crenças de superioridade e poder. Já as comparações do tipo *upward* (ascendentes), são mediadas pela crenças de inferioridade frente aos atributos percebidos em outras pessoas, resultando em uma avaliação geralmente negativa de si próprio (Buunk & Gibbons, 2007). Tal postulado teórico parece fazer sentido quando analisamos os padrões comparativos de atributos físicos, como veremos a seguir.

As comparações sociais fundamentadas na aparência física tendem a ser ascendentes, e não descendentes. “A comparação social *upward* promove a percepção de discrepância entre atratividade física do próprio sujeito e o padrão socialmente idealizado, levando a uma avaliação negativa do corpo real”(Ferreira, Gouveia, & Duarte, 2011, p. 312). Esse padrão de comparação tem contribuído com o desenvolvimento de baixa autoestima, insatisfação corporal e alterações no comportamento alimentar (Holland & Tiggemann, 2016; Troop et al., 2003). Nesse campo teórico, as pesquisas têm investigado os efeitos da mídia, especialmente das redes sociais (e.g., *instagram*) sobre a aparência física e as possíveis repercussões da comparação social em termos psicossociais. São expressivos os estudos que, por exemplo, têm investigado o efeito de fotos manipuladas do *Instagram* na imagem corporal de meninas adolescentes e se a tendência de comparação social modera essa relação (e.g., Tiggemann & Barbato, 2018). Pesquisas experimentais também compõem esse campo, investigando o efeito do consumo de imagens idealizadas de modelos que apresentam corpos atléticos na insatisfação corporal e comportamentos em relação a exercícios físicos em mulheres (e.g., Robinson et al., 2017).

Considerável parcela das pesquisas sobre a influência da mídia e das redes sociais na insatisfação com o corpo são orientadas pela mediação da comparação social com modelos e celebridades (e.g., Mulgrew, Findlay, Lane, & Halliwell, 2021; Mulgrew, Schulz, Norton, & Tiggemann, 2020). No entanto, a teoria clássica da comparação social postula que as pessoas tenderiam a se comparar mais com seus pares (e.g., amigos, familiares e pessoas próximas) e não de forma tão expressiva com quem julgariam possuir menos similaridades (e.g., modelos, atrizes, celebridades) (C. Ferreira et al., 2011). As pessoas tendem a se comparar, desde muito cedo, com pares que consideram significativos como os irmãos, primos, amigos e colegas de escola (Mueller et al., 2010). O processo de comparação social já pode ser percebido na infância (Tatangelo et al., 2016), e se expressa a partir de críticas e comentários negativos sobre a aparência e peso corporal, geralmente feitas por pais (Siegel et al., 2021) e cuidadores mais exigentes e que tendem a privar

seus filhos de expor suas emoções mais abertamente (Kholmogorova et al., 2018). A internalização dessas críticas e comentários negativos, além da privação da expressão de emoções, podem tornar as crianças e jovens vulneráveis a problemas alimentares e baixa autoestima. E, também, suscetíveis a desenvolver uma personalidade perfeccionista em vários domínios, incluindo o perfeccionismo socialmente prescrito e orientado à aparência física (Besser et al., 2008).

A busca por perfeição física e expectativas corporais excessivamente elevadas, tendem a estar associadas com uma predisposição atitudinal em avaliar o próprio comportamento de forma excessivamente crítica, caracterizando condutas perfeccionistas. Estas condutas estão relacionadas ao domínio do perfeccionismo denominado como auto orientado. Pessoas consideradas perfeccionistas tendem a valorizar de modo mais intenso as avaliações recebidas por outros. Assim, submetem-se a padrões sociais elevados de desempenho, o que caracteriza o domínio do perfeccionismo socialmente prescrito (Hewitt & Flett, 1991). As pessoas perfeccionistas podem vir a adotar um estilo de vida definido por um esforço intenso e contumaz para atingir metas – incluindo a busca por um “corpo perfeito” (Dittmar, 2009) - dificilmente alcançáveis, acompanhado por avaliações críticas, rígidas e excessivas, que costumam estar relacionadas a busca constante por aprovação social (Hewitt & Flett, 1991). Estudos realizados neste campo têm demonstrado que o perfeccionismo – quando desadaptativo - pode desencadear uma variedade de danos à saúde física e mental como, por exemplo, ansiedade, depressão e *burnout* (Guízar-Sánchez et al., 2020). Níveis mais elevados de perfeccionismo, principalmente o socialmente prescrito, estão associados à baixa autoestima (Besser et al., 2008).

A autoestima pode ser considerada um elemento que compõe nosso autoconceito. Corresponde à forma como cada pessoa avalia a si própria em diferentes contextos e fases da vida. Ela é determinada a partir de um conjunto de valores individuais que orientam o modo como as pessoas se auto-avaliam. Figuram, na autoestima, aspectos cognitivos e afetivos que podem se expressar de forma positiva ou negativa frente a vários aspetos, domínios e momentos da vida. Essas auto-avaliações podem variar em direção – positiva ou negativa – como em sua intensidade – maior ou menor – e podem resultar em sentimentos de autorrejeição ou autoaprovação, a partir desse conjunto de valores. Por exemplo, ao valorizar-se positivamente, a pessoa pode apresentar sensação de apreço, competência e confiança (Rosenberg et al., 1995).

A autoestima também é considerada um importante indicador de saúde mental, mediando o bem-estar geral e a qualidade de vida das pessoas (Amaral et al., 2019). Ela, enquanto construto psicológico, já foi amplamente empregada em estudos nesse campo. Assim como o perfeccionismo, a autoestima também é constituída por mais de um domínio: autoestima global e

autoestima específica. A autoestima global está relacionada à autoavaliação positiva ou negativa que a pessoa faz de si própria em sua totalidade e está fortemente associada ao bem-estar (Rosenberg et al., 1995). No entanto, ela também se expressa por meio de domínios específicos que já foram investigados em pesquisas como a autoestima sexual (e.g., Carreiras, 2014), a autoestima corporal (e.g., Henderson-King & Henderson-King, 1997) (e autoestima relacionada à performance (i.e., desempenho acadêmico) (e.g., Rosenberg et al., 1995), por exemplo.

No campo psicológico a literatura científica tem destacado a autoestima global como construto relevante na mensuração e compreensão dos fenômenos tanto intra como intersubjetivos. É considerada fator protetivo do *self*, auxiliando no desenvolvimento positivo do autoconceito e da identidade. Assim, mesmo que ela possa ser acessada e medida por meio da dimensão específica relacionada à imagem corporal, esta dissertação propôs avaliá-la de modo integral. Esta escolha é fundamentada a partir de uma série de pesquisas que identificaram como relevante a influência da autoestima global em diversas áreas da vida (Amaral et al., 2019; Besser et al., 2008; Burnette et al., 2019; Mellor et al., 2010). Observado esse cenário, a autoestima tem sido amplamente utilizada como construto psicológico em pesquisas no campo da imagem corporal e suas conexões com aspectos socioculturais. Entre eles, as pressões sociais sobre o corpo e suas intersecções com o gênero, raça/etnia, idade, orientação sexual, características socioeconômicas e culturais (e.g., Annati, 2020; Lira et al., 2017; Lo, Kim, Small, & Chan, 2019).

Neste contexto, pesquisas conduzidas ao longo dos últimos anos têm destacado a imagem corporal sob o ponto de vista de mulheres, quase sempre heterossexuais. Em diversos estudos, a orientação sexual não costuma ser considerada relevante entre os aspectos que podem influenciar a imagem corporal em mulheres (e.g., Amaral et al., 2019; Loureiro, 2014). Quando pesquisas incluem em suas amostras lésbicas e mulheres bissexuais, elas são frequentemente comparadas a mulheres heterossexuais e/ou homens gays (e.g., Conner, Johnson, & Grogan, 2004; Morrison, Morrison, & Sager, 2004). Além disso, destaca-se que há um maior número de pesquisas sobre imagem corporal e suas implicações na vida social de homens gays do que de heterossexuais (e.g., Cardoso, Paz, Rocha, & Pizzinato, 2019; Carper et al., 2010; Teixeira & Cardoso, 2017). Já quanto ao traço de perfeccionismo para aparência física e os níveis de autoestima global, existem poucas pesquisas que as relacionam empiricamente à avaliação da imagem corporal e orientação sexual (Carper et al., 2010).

No que refere aos efeitos da mídia na avaliação da imagem corporal, há estudos com o público de adolescentes LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) (e.g., Craig & McInroy, 2014), com meninas adolescentes (e.g., Kleemans, Daalmans, Carbaat, & Anschutz,

2018; Lira et al., 2017) e mulheres jovens adultas (e.g., Loureiro, 2014) e se identificam poucos estudos específicos com lésbicas e mulheres bissexuais, denotando certa lacuna da produção na área (Holland & Tiggemann, 2016; Loureiro, 2014). As pesquisas que têm como objetivo compreender os efeitos do uso das mídias sobre a imagem corporal tendem a evidenciar públicos jovens (Craig & McInro, 2014; Kleemans et al., 2016; Lira et al., 2017). Diante desse cenário e, considerando as possibilidades teóricas justifica-se a relevância em conduzir pesquisa dedicada às mulheres adultas que se identificam como lésbicas e bissexuais, não apenas por aparentemente haver sido um coletivo menos estudado, mas também pelas especificidades que estas mulheres podem apresentar em suas reações à tais processos culturais.

Nas últimas décadas, a pesquisa psicológica dedicada às minorias sexuais mudou de forma substancial. Os primeiros resultados presentes nesses estudos apresentavam concepções sobre identidade gay/lésbica sob uma perspectiva s patologizante, como algo desviante e inadequado, que deveria ser corrigido (Yang & Íñiguez-rueda, 2020). Na década de 1990 estudos realizados por meio de comparação sistemática com heterossexuais procuravam provar que homens gays e lésbicas eram psicologicamente saudáveis. Estudos fundamentados nessa perspectiva revelaram a forma pela qual a heteronormatividade opera frente às definições do que é “normal/saudável” e “anormal/patológico” (Warner, 2004) As identificações com a bissexualidade nem mesmo eram consideradas como possíveis, sendo até hoje pouco investigadas pela academia (Huxley et al., 2014).

As primeiras construções teóricas sobre identidades sexuais estavam focadas em modelos unidimensionais, sugerindo que o desenvolvimento de uma identidade gay/lésbica deveria passar por fases ou estágios até que a pessoa aceitasse sua identidade homossexual. Essa parece ser uma visão simplista, pois é vista como um processo linear e estável com início, meio e fim (e.g., Cass, 1979). Já os modelos posteriores enfatizaram os componentes multidimensionais das identidades sexuais (Goodrich & Kathryn Brammer, 2019; McCarn & Fassinger, 1996)). Esses modelos referem que categorias de orientação sexual não são amplos o suficiente para acessar e tentar mensurar pensamentos, sentimentos e afetos que abarcam as vivências das sexualidades (de Oliveira et al., 2012). Nesse campo teórico são igualmente relevantes as propostas que apontam a orientação sexual – suas atrações, afetos, comportamentos e práticas – como fenômeno mutável e não linear, a partir do conceito da fluidez sexual (Diamond, 2016). E modelos que destacam-se pela sua perspectiva inclusiva, e que legitimam as identificações de pessoas cisgêneras e transgêneras, por exemplo, como lésbicas ou bissexuais (Tate, 2012).

Nessa dissertação foi considerada a perspectiva multidimensional, visto que ela permite acessar várias dimensões da vida de pessoas LBG, tanto os aspectos relacionadas à afirmação identitária (e.g. centralidade da identidade), como os negativos (e.g., sensibilidade ao estigma, incerteza identitária, motivação para esconder a identidade) (de Oliveira et al., 2012). Para tanto foram observados os domínios propostos originalmente por Kendra e Mohr (2008) com adaptação para o português europeu, realizada por de Oliveira e colaboradores em 2012, da Escala de Identidade Lésbica, Gay e Bissexual – LGBIS. Considerando que as identidades são constituídas por aspectos complexos e multifacetados, um modelo que possa integrar diferentes elementos e fenômenos presentes nas narrativas e trajetórias de pessoas LGB, parece um melhor caminho para acessar, medir e compreender esses grupos (de Oliveira et al., 2012; Diamond, 2000; Mohr & Fassinger, 2000). Além disso, esta pesquisa considerou as identificações com as lesbianidades e bissexualidades sob uma perspectiva sociocultural, multidimensional, fluida e inclusiva.

Especificamente em relação à formação de uma identidade lésbica, esta é intrinsecamente ligada ao avanço dos estudos feministas. Historicamente, as lésbicas foram silenciadas, inclusive dentro dos movimentos feministas (Rich, 1980). Durante a segunda onda do feminismo houve crítica por parte de grupos de mulheres que não se sentiam representadas em suas especificidades (e.g., sexualidade, geração, raça/etnia, classe social), além das expectativas físicas e sociais associadas à feminilidade. Esses marcadores sociais se relacionam de modo a suscitar potenciais cenários de hierarquização e desigualdades nos mais diversos âmbitos da vida dessas mulheres (Henning, 2015).

Os processos de invisibilidade e exclusão se ancoram no que Rich (1980) define por heterossexualidade compulsória. Ela opera em um contexto social onde a heterossexualidade é tida como a única opção válida da mulher viver sua sexualidade. Discute-se nesse cenário que a identificação enquanto lésbica pressupõe uma possível forma de resistir à dominação imposta pelo sistema patriarcal. O patriarcado considera as mulheres como incapazes, inferiores e submissas aos homens. Operando nessa lógica de poder, ele também outorga à heterossexualidade um status hegemônico, que rege a cultura e as normas sociais, regulando a sexualidade. Enquanto a heterossexualidade é designada como normal e esperada, cabe à homossexualidade o lugar daquilo que é desviante, necessitando ser escondido, reprimido ou corrigido (Martínez, 2015).

Apesar dos inúmeros avanços no que diz respeito à legitimação das sexualidades não heterossexuais, desde sua despatologização, garantia de direitos e visibilidade (e.g., união civil entre pessoas do mesmo sexo; criminalização da homofobia, inclusão de programas de saúde à população LGB, entre outros), ainda são expressivos os meios de opressão, preconceito,

discriminação e outras formas de violência direcionadas a esse grupo ainda estigmatizado. Aculturadas na mesma sociedade heteronormativa, pessoas LGB desde cedo reconhecem a dinâmica desses processos de violência e exclusão frente às suas existências. A exposição contínua aos valores, crenças, sentimentos e atitudes negativos relacionados à sua orientação sexual, reflete na internalização do estigma. A partir dela, frequentemente ocorre a antecipação do preconceito, que muitas vezes resulta na repressão, ocultação ou disfarce da identidade (Meyer, 2003). Essa temática também recebeu a atenção de pesquisadores, não somente por conta da orientação sexual, mas pelas formas de expressão de gênero não hegemônicas.

A partir da década de 1980 e com maior força nos anos 1990 foram publicados estudos sobre as formas de expressão binária de gênero em lésbicas e mulheres bissexuais. Os resultados apontaram que lésbicas lidas como masculinizadas em suas expressões (e.g., roupas, tamanho do cabelo, peso corporal e acessórios), eram percebidas como menos atraentes, tanto por homens, como por mulheres. Por outro lado, lésbicas que se apresentavam de modo compreendido como feminino, apesar de serem consideradas mais atraentes, geralmente tinham deslegitimada sua identidade. O mesmo processo foi observado com lésbicas não brancas e/ou gordas (Rothblum, 1994, 2000). Há décadas esse cenário é reproduzido por meio de um padrão estético hegemônico eurocentrado, heterossexista e patriarcal (Batista & Souza, 2019). Assim, o preconceito heterossexista a que uma lésbica está exposta não permite que ela exponha abertamente suas relações. No cotidiano sua existência lésbica é compulsoriamente negada. A ela cumpre performar os requisitos estéticos e sociais heteronormativos. Nesse sentido, os papéis de gênero estão igualmente em disputa, pois a ela cabe desempenhar um papel associado à feminilidade (i.e., amável, delicada) para que seu “título” de mulher “de verdade” seja socialmente chancelado (Rich, 1980).

A partir do entendimento acerca dos múltiplos aspectos envolvidos no desenvolvimento de uma identidade lésbica e bissexual pretende-se identificar se as mulheres não heterossexuais também atenderão de mesma forma aos mesmos tipos de pressão estética cultural. Ou ainda, se a heterossexualidade opera de maneira mais ou menos incisiva no afrontamento a estes padrões. Segundo pesquisa conduzida por Smith et al. (2017), as identificações como lésbica ou mulher bissexual não garante “proteção” em relação às pressões sociais sobre o corpo. Além disso, as participantes perceberam uma pressão adicional para atender aos padrões estéticos heteronormativos desde a normalização da homossexualidade e do aumento da representatividade de lésbicas, gays, pessoas bissexuais e transgêneras no meios de comunicação de massa (Smith et al., 2017).

Oliveira e Mattos (2019), realizaram um panorama sobre a produção acadêmica dedicada às pesquisas sobre lesbianidades no Brasil durante os anos de 2016 e 2017. O cenário acadêmico da área é marcado pela invisibilidade lésbica na produção da psicologia até aproximadamente o final do século XX. Atualmente as lésbicas e bissexuais vêm recebendo maior atenção por parte de pesquisadores brasileiros. Oliveira e Mattos (2019) observaram ainda um crescente aumento no número de publicações dedicadas às lésbicas nos últimos anos, com um panorama de estudos heterogêneos, tanto em suas temáticas, como entre as áreas do conhecimento. A psicologia tem contribuído com alguns estudos direcionados ao público de lésbicas e mulheres bissexuais como, a exemplo, as pesquisas conduzidas por Carvalho, Calderaro e Souza (2013), dos Santos e Gomes (2016) e Rodrigues (2018). Tais estudos têm focado a saúde e as trajetórias de vida dessas mulheres.

Não foram identificadas publicações brasileiras que integrassem a noção de imagem corporal, a pressão social sobre o corpo, a influência da mídia, a comparação social ou da autoestima na satisfação corporal em lésbicas e mulheres bissexuais. Estudos quantitativos que integrem ao menos duas dessas dimensões ainda são pouco expressivos e, predominantemente, conduzidos por pesquisadoras estadunidenses (e.g., Huxley et al., 2014). Um recente estudo, que pretendeu conhecer aspectos relacionados à imagem corporal, pressões sociais relacionadas ao corpo, influência da mídia e da comunidade LGBT, a conhecimento de autoras britânicas, é percebido como pesquisa pioneira em abordar essa temática naquele contexto (Smith et al., 2017).

Retomando as especificidades da percepção da imagem corporal por lésbicas no panorama da produção acadêmica, além de figurarem poucos estudos, eles se constituem como heterogêneos. Alguns autores sugerem que lésbicas estariam levemente mais satisfeitas com seus corpos se comparadas a mulheres heterossexuais (e.g., Siever, 1994). No entanto, outros estudos não apontaram diferenças nos níveis de insatisfação corporal entre lésbicas e mulheres heterossexuais (e.g., Koff et al., 2010). Em um panorama mais amplo, existem poucas evidências sobre as diferenças na satisfação corporal entre lésbicas e mulheres heterossexuais (Grogan, 2016).

Um dos aspectos que talvez explique por que as lésbicas estariam menos sujeitas à pressão social para exibir um padrão de corpo focado na magreza, é por estarem mais inclinadas a recusar a opressão das normas convencionais de beleza e à sujeição do olhar masculino – objetificado - e aos padrões machistas relacionados à estética feminina - ao menos no que diz respeito à busca de pares conjugais ou sexuais (Brown, 1987 em Smith et al., 2017). Por outro lado, como lésbicas são aculturadas na mesma sociedade heteronormativa, podem estar suscetíveis a internalizar o heterossexismo e suas expectativas físicas (Dworkin, 1989). A objetificação corporal pode

influenciar os níveis de autoestima e vergonha corporal - fatores que podem interferir indiretamente nos níveis de satisfação corporal (Loureiro, 2014).

Outro fator que poderia mediar essa “proteção” da pressão social para ser magra é a vinculação de lésbicas às pautas políticas da comunidade LGBT. Smith et.al. (2017) tratam da experiência de lésbicas e mulheres bissexuais sobre imagem corporal e orientação sexual. Embora todas as participantes tenham percebido a comunidade LGBT como as aceitando mais e julgando menos seus aspectos físicos (i.e., tamanhos e formas corporais), elas não acreditam que isso ofereça uma “proteção” contra as pressões sociais gerais para se adaptar a um corpo magro. A imagem corporal também pode ser chave no processo de busca e escolha por parceiras e relacionamentos em lésbicas e mulheres bissexuais. Entre as onze participantes da pesquisa qualitativa conduzida por Smith et al. (2017), apenas três relataram possuir preferência por um tipo de corpo específico na busca por uma parceira. Entre elas, o tipo de corpo desejado possuía uma silhueta fina, ainda que não necessariamente magro. Cada uma das participantes acreditava que essa atração influencia o ideal do próprio corpo. As demais participantes referiram não possuir qualquer preferência prévia quanto à aparência física de uma parceira, selecionando a personalidade como principal atrativo.

No que se refere a busca por uma parceira e como se dá a procura por relacionamentos na comunidade lésbica, Murray e Ankersen (2016) realizaram um estudo de caso sobre um aplicativo de busca por parceiras, o Dattch. Ainda que seja apenas uma das possibilidades de busca por pares, é uma estratégia que vem se incrementando muito nos últimos anos. A pesquisa mostra que, enquanto os aplicativos desenvolvidos para homens gays (*Grindr*) e população hétero e homossexual (*Tinder*) tem ascendido nos últimos anos, é lento o avanço em relação ao público lésbico. Os primeiros aplicativos de busca por parceiras surgiram entre os anos de 2012 e 2014. O *Dattch* surgiu em 2013 e atualmente ele se chama *Her*. A partir dessas constatações pode-se pensar no preenchimento dessa lacuna e buscar investigar como que ocorre a negociação na busca por relacionamentos lésbicos nas mídias sociais e aplicativos destinados a esse fim.

Pensar em estratégias de relação e requisitos estéticos nos remete outra vez ao conceito de imagem corporal ou aparência física - entendido como processo que envolve percepções, pensamentos e sentimentos de uma pessoa sobre seu corpo (Grogan, 2016). Dentre os estudos na área, destacam-se os que pretendem compreender desordens alimentares (e.g., Grogan, Conner, & Smithson, 2006; Troop et al., 2003); os que buscam avaliar a influência da mídia, por meio da comparação social, na percepção corporal (e.g., Holland & Tiggemann, 2016; Lira et al., 2017; Rodgers, McLean, & Paxton, 2015; Strahan et al., 2006) e os que integram a autoestima e o

perfeccionismo na autoavaliação da aparência física (e.g., Besser et al., 2008; Carper et al., 2010; Fairburn & Harrison, 2003; L. Ferreira, Corazza, Francisco, & Neves, 2018).

Esse panorama parece estar predominantemente associado a pesquisas com mulheres heterossexuais, visto que esse público parece particularmente vulnerável à pressão social sobre o corpo idealizado pela sociedade e veiculado pela mídia (Fairburn & Harrison, 2003; Fredrickson & Roberts, 1997; Grogan, 2016; Loureiro, 2014). Considerando esse cenário, justifica-se promover estudos que levem em consideração o público de lésbicas e mulheres bissexuais, buscando analisar e compreender como a avaliação corporal influencia essas mulheres, direcionando assim o olhar para as especificidades das identificações como lésbica e bissexual (Huxley et al., 2014; Smith et al., 2017).

A aproximação com esse tema iniciou a partir do interesse em estudar, ao final da graduação em psicologia, as expressões de gênero em lésbicas, em especial àquelas associadas à feminilidade. A realização de um grupo focal com lésbicas, para discutir a temática, oportunizou a discussão de diversificados aspectos que integram as identificações com expressões de gênero dissidentes. Entre eles figuram os tensionamentos entre imagem corporal/aparência física, autoestima, processos identificatórios associados às lesbianidades e suas conexões com as expressões das feminilidades e masculinidades. Naquela ocasião, mesmo que o convite à participação no grupo tenha sido amplamente divulgado, houve um diminuto interesse. No entanto, as poucas participantes relataram uma expressiva necessidade em abordar de modo mais aprofundado os aspectos que influenciam e impactam cotidianamente suas existências.

A busca pela literatura nacional que compreendesse as associações entre corpo, orientação sexual e autoestima pareceram pouco expressivas. No entanto, os estudos internacionais dedicados a compreender os aspectos psicossociais envolvidos na relação entre imagem corporal e orientação sexual já figuravam com maior expressividade. A aproximação com a temática sobre imagem corporal, satisfação corporal, autoestima, comparação social, bem como as influências socioculturais envolvidas na satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais permitiu refletir sobre algumas questões: Será que a satisfação corporal pode estar relacionada à orientação sexual? É possível que outros aspectos psicossociais como autoestima ou perfeccionismo físico possam igualmente corroborar com essa associação? Talvez as lésbicas possam estar fisicamente mais satisfeitas pois estão mais propensas a recusar os padrões estéticos heteronormativos quanto aos atributos de feminilidade? Ou elas também sofrem pressões sociais sobre o corpo tanto quanto as heterossexuais? Quais fatores socioculturais estão envolvidos nesse cenário?

A partir desses questionamentos surgiu a ideia em investigar a temática por meio de dois estudos. O primeiro, quantitativo e de corte transversal, que permitisse explorar aspectos relacionados à imagem corporal e às identificações lésbica de pessoas residentes no Brasil. Considerando as publicações na área, optou-se em incluir nesse estudo a autoestima global, o perfeccionismo para a aparência física e um conjunto de elementos que abarcam os processos de identificação lésbica entre as variáveis que poderiam explicar a satisfação com os aspectos físicos. A autoestima global pareceu mais adequada se comparada à autoestima específica (i.e., corporal), visto que ela figura como a autoavaliação geral que a pessoa faz de si a partir de um conjunto de valores individuais que orientam seus pensamentos, sentimentos, atitudes e comportamentos. Já a inclusão da variável perfeccionismo físico caracteriza-se pela tentativa de investigar se esse domínio específico (i.e., associado ao perfeccionismo auto orientado e socialmente prescrito) também figura nesse cenário. Além disso, não foram encontrados outros estudos que investigaram essa associação, à exceção daqueles que pretendem utilizá-lo em contextos envolvendo a prática de exercícios físicos ou o desenvolvimento de traços perfeccionistas durante a infância.

Escolhidas as variáveis, o próximo passo foi realizar a busca por instrumentos adequados aos objetivos da investigação. Foram selecionadas as seguintes escalas de medida: Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS – Lésbicas) (Fernandes-Eloi et al., 2019), para avaliação da satisfação corporal. A *Physical Appearance Perfectionism Scale* – PAPS (Ferreira et al., 2018; Neves, Francisco, Corazza, Carvalho, & Ferreira, 2019; Yang & Stoeber, 2012), para mensurar os níveis de perfeccionismo físico. Para avaliar a autoestima global, foi utilizada a Escala de Autoestima de Rosenberg (Sbicigo et al., 2010) e a Escala de Identidade LGBIS, para acessar de modo multidimensional, sete domínios relacionados às identificações enquanto lésbica ou mulher bissexual. Escala originalmente projetada por Kendra & Mohr (2008) e adaptada para o contexto português europeu (de Oliveira et al., 2012). Além deles, foi elaborado um questionário sociodemográfico composto por questões como idade, região do Brasil onde vive, raça/etnia, escolaridade, identificações quanto ao gênero e orientação sexual. A partir desses dados foi possível buscar associações entre as variáveis e testar os dois modelos preditivos hipotetizados da satisfação corporal. O primeiro modelo buscou prever se a identificação como lésbica ou mulher bissexual está associada à satisfação corporal. O segundo, por sua vez, inclui ao modelo a autoestima global e o perfeccionismo físico como preditivos para a satisfação corporal.

Foi elaborado um questionário *online* auto-aplicável. O convite para a participação na pesquisa foi amplamente divulgado e obteve uma expressiva participação. Esse questionário

também apresentava um convite para a participação em um segundo momento da pesquisa. Essa segunda etapa, qualitativa, buscou dar conta de outros questionamentos, em especial, aqueles relacionados à pressão social sobre o ideal de imagem corporal – particularmente as mensagens veiculadas nas grandes mídias, redes sociais e aplicativos de busca por relacionamentos - e os aspectos socioculturais envolvidos nesse contexto. Para acessar essas informações, foram convidadas oito mulheres entre as participantes do primeiro estudo. Aproximadamente 250 participantes demonstraram interesse em responder às entrevistas. No entanto, para atender à proposta metodológica, foi escolhida a participante que obteve a maior pontuação e a que obteve o menor score em cada um dos quatro instrumentos aplicados, a partir de uma lista ranqueada. As que consentiram com a participação, apresentaram suas narrativas por meio de entrevistas semi-dirigidas individuais, conduzidas por videoconferência. As entrevistas foram transcritas e os dados foram tratados por meio de análise temática. Os eixos temáticos foram definidos a partir das quatro variáveis investigadas no estudo quantitativo. E, a partir deles, foram apresentadas as conexões entre temas, categorias e subcategorias derivadas, bem como as conexões entre os eixos por meio de um mapa temático. Esses resultados foram discutidos e foram apontadas as contribuições, limitações e perspectivas futuras para pesquisas nesse campo.

**CAPÍTULO II – SATISFAÇÃO CORPORAL DE LÉSBICAS E MULHERES BISEXUAIS  
BRASILEIRAS: AUTOESTIMA, PERFECCIONISMO FÍSICO E PROCESSOS  
IDENTITÁRIOS**

**(ARTIGO SUMETIDO À JOURNAL OF LESBIAN STUDIES)**  
(Páginas 25 à 41)

**CAPÍTULO III - IMAGEM CORPORAL: MARCADORES SOCIAIS, NORMAS  
SOCIOCULTURAIS E AUTOESTIMA EM NARRATIVAS DE LÉSBICAS E MULHERES  
BISSEXUAIS**

(Artigo a ser submetido para publicação)  
(Páginas 42 à 59)

## CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou a relação entre aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras. Foram realizados dois estudos empíricos de métodos mistos – quantitativo e qualitativo - sequenciais. O primeiro estudo examinou as associações entre a satisfação corporal e as identificações como lésbica e mulheres bissexuais. Investigou, ainda, o papel da autoestima e do perfeccionismo físico sobre a satisfação corporal nesse público. Os resultados sugerem que há uma conexão direta entre a satisfação corporal e as identificações com as lesbianidades e bissexualidades (LB). São discutidos aspectos psicossociais e culturais implicados na relação entre as variáveis sob uma perspectiva positiva e protetiva frente às pressões estéticas que reproduzem a heteronormatividade sobre os corpos. O segundo estudo buscou compreender a percepção de lésbicas e mulheres bissexuais sobre a pressão social sobre os corpos, especialmente por meio das mensagens veiculadas nas mídias e redes sociais. Os resultados dessa etapa qualitativa destacam que mulheres mais identificadas com as lesbianidades sentem-se mais satisfeitas com sua aparência física. Essa satisfação está positivamente associada à autoestima, aos aspectos positivos da identidade sexual, além de maior liberdade quanto às expressões de gênero que não conformam o binarismo. Por outro lado, mulheres que relataram uma menor identificação enquanto lésbicas, referiram baixa autoestima; níveis mais elevados de perfeccionismo físico e comparação social e menores níveis de satisfação corporal.

Os rígidos padrões de beleza e estética corporal têm destacado um aumento significativo nos níveis de insatisfação com a aparência. As mulheres heterossexuais parecem estar mais vulneráveis a essa pressão para atender aos requisitos estéticos que valorizam a magreza extrema, a branquitude, a juventude e as expressões de feminilidade. No entanto, tem sido teorizado que as lésbicas e mulheres bissexuais pertencem a uma subcultura que parece ser protetiva dessas demandas, por recusarem os padrões estéticos heteronormativos. Mesmo que os resultados da etapa quantitativa tenham apresentados indícios de uma relação direta em satisfação corporal e as identificações lésbica e bissexual, há outros aspectos que podem figurar como protetivos frente as pressões estéticas atuais. Entre eles destacam-se o apoio social e afetivo, a comunicação funcional entre familiares e pessoas significativas desde a infância. A promoção de uma visão ampliada de beleza, de aceitação das diversidades corporais também podem ser considerados fatores protetivos, por partem de uma perspectiva positiva da imagem corporal.

A imagem corporal, assim como as orientações sexuais e expressões de gênero, está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento do autoconceito e das identidades. São elementos

que orientam o modo como percebemos a nós e aos outros. Ela também sinaliza a forma como nos apresentamos e somos percebidos. Ao observar que as narrativas apresentadas no estudo qualitativo foi possível perceber os esforços, dilemas, sentimentos de inadequação, de falta de apoio social, de não pertencimento, tristeza e solidão que perpassam as vivências cotidianas dessas mulheres, ao perceberem que talvez não se encaixem nos padrões de beleza heteronormativos. Mesmo que atualmente existam diversos movimentos engajados no combate ao preconceito contra a diversidade sexual e de gênero, ao racismo, ao etarismo, ao capacitismo e à gordofobia, os meios de comunicação de massa parecem ainda reproduzir os padrões estéticos fundamentados em um sistema patriarcal que promove desigualdades, preconceitos e opressões. Há décadas “tem-se observado que muitas mulheres perseguem a magreza como se fosse uma carreira” (Rodin, Silberstein, & Striegel-Moore, 1984, p. 269 - tradução nossa). Nesse sentido, pode-se supor, em certa medida, que entre essas mulheres podem figurar pessoas não heterossexuais. Assim, pode-se considerar que o padrão de beleza – especialmente aquele focado na magreza – opera em um contexto que reproduz um “descontentamento normativo” (Rodin et al., 1984).

Esta dissertação procurou em certa medida suscitar discussões sobre os aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexual brasileiras. Até onde tem-se conhecimento, este parece ser o primeiro trabalho desenvolvido no Brasil sobre a temática. Ele foi concebido a partir do interesse nos estudos sobre imagem corporal, orientação sexual e expressões de gênero. Como não haviam sido encontrados outros estudos específicos na literatura nacional, especialmente no campo psicológico, o objetivo era pensar em um estudo exploratório quantitativo e outro – sequencial - , qualitativo, partindo de uma perspectiva compreensiva e reflexiva frente aos dados coletados. Quanto aos estudos quantitativos, faz-se necessário ressaltar que, a partir da utilização da Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS-Lésbicas), conduzido por Fernandes-Eloi et.al., (2019) – estudo pioneiro no campo psicológico brasileiro, no que refere à construção de instrumento padronizado, e que permitiu acessar os níveis de satisfação corporal, considerando as especificidades dessa população.

Outro aspecto que merece destaque, reside na expressiva participação de lésbicas, mulheres bissexuais, além de outras que se identificaram com outras terminologias de orientações sexuais (e.g., sapatona, panssexual, assexual, *queer*).e outras identidades de gênero (e.g., gênero fluido, lésbica caminhão e sapatão). A presença dessas diversidades apontam a orientação sexual e identificações de gênero – suas atrações, afetos, comportamentos e práticas – como fenômeno mutável e não linear, que abarcam o conceito da fluidez sexual (Diamond, 2016). Além disso, essa

diversa representatividade ratifica a perspectiva presente nesta dissertação, como espaço inclusivo e de legitimação das identificações de pessoas cisgêneras, transgêneras e não binárias, por exemplo, como lésbicas ou bissexuais (Tate, 2012). Mesmo que ainda haja um forte movimento de controle e regulação das identidades sexuais dissidentes, que impõem significativas barreiras sociais, políticas e culturais, acredita-se que suscitar essas discussões, tanto no âmbito das orientações sexuais e de gênero, como das pressões e expectativas corporais que afetam desproporcionalmente as mulheres, pode oferecer maior visibilidade, conhecimento e proteção frente a essas demandas.

No período em que esta pesquisa foi conduzida o mundo deparou-se enfrentando adversidades em proporções catastróficas decorrentes da COVID-19, nas quais as vidas de milhões de pessoas foram drasticamente impactadas ao redor do planeta. É possível e fortemente provável que as narrativas apresentadas nessa dissertação estão igualmente atravessadas por esse experiência. Há contextos onde as preocupações com a saúde das famílias e pessoas próximas se intensificaram. Além da expressiva incidência de problemas de saúde mental e do aumento das desigualdades sociais e econômicas. Esse cenário devastador tem deixado marcas profundas na vida das pessoas. Por conta do isolamento e distanciamento social, muitos tiveram seus estilos de vida completamente modificados. E essas alterações na rotina modificaram hábitos e comportamentos, inclusive os cuidados com os aspectos físicos (e.g., alimentação, atividade física). É importante pensar também em tantas pessoas LGBT que, por conta do isolamento, foram obrigadas a conviver com familiares e demais pessoas que não aceitam ou respeitam suas orientações e identidades. Esse contexto intensifica as vulnerabilidades e as exposições à situação de violência.

Especialmente no que refere às mulheres, cabe destacar que, apesar das significativas conquistas no campo da igualdade de gênero, parece ainda haver um abismo entre os privilégios que, aos homens, são conferidos. Observamos que, neste momento, em que acontecem os Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio, nos deparamos com situações de total opressão e controle sobre os corpos femininos. Não há como se furtar em destacar as desigualdades observadas entre os gêneros em contextos como os esportivos. Recentemente a equipe feminina de handebol de praia da Noruega foi multada por não utilizar biquíni durante uma partida. O time foi penalizado por supostamente não usar os “trajes adequados” dispostos no regulamento daquela modalidade esportiva. Atletas de um time carioca relataram ter passado pela mesma situação, no Brasil.

Esse cenário demonstra explicitamente que os padrões estéticos de beleza e feminilidade são regulados pelo patriarcado e que os corpos das mulheres ainda são constantemente

objetificados. E, quando esses padrões são confrontados, há penalizações. Esse acontecimento ilustra e reforça a necessidade em sugerir que estudos futuros possam surgir como forma de oferecer visibilidade, resistência e proteção frente às demandas estéticas que impactam as vivências de tantas mulheres.

## REFERÊNCIAS

- Alvy, L. M. (2013). Do lesbian women have a better body image? Comparisons with heterosexual women and model of lesbian-specific factors. In *Body Image* (Vol. 10, Issue 4, pp. 524–534). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2013.06.002>
- Amaral, A. C. S., Medeiros, A. de S. F., Araújo, A. C. de M. R., Ana, A. A. da S., Hudson, T. A., & Ferreira, M. E. C. (2019). Apreciação corporal e aspectos associados entre adolescentes e mulheres jovens. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, *68*(1), 16–22. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000220>
- Annati, A. (2020). *The Frequency of Stereotypical Media Portrayals and Their Effects on the Lesbian Community*. [https://vc.bridgew.edu/honors\\_proj/318/](https://vc.bridgew.edu/honors_proj/318/)
- Basabe, N., & Ros, M. (2005). Cultural dimensions and social behavior correlates: Individualism-Collectivism and Power Distance. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, *18*(1), 189–225.
- Batista, D. C., & Souza, J. F. de. (2019). A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, *31*, 81–100. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.05.a>
- Beren, S. E., Hayden, H. A., Wilfley, D. E., & Grilo, C. M. (1996). The influence of sexual orientation on body dissatisfaction in adult men and women. *International Journal of Eating Disorders*, *20*(2), 135–141. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199609\)20:2<135::AID-EAT3>3.0.CO;2-H](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199609)20:2<135::AID-EAT3>3.0.CO;2-H)
- Bergeron, S. M., & Senn, C. Y. (1998). Body Image and Sociocultural Norms. *Psychology of Women Quarterly*, *22*(3), 385–401. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00164.x>
- Besser, A., Flett, G. L., Hewitt, P. L., & Guez, J. (2008). Perfectionism, and cognitions, affect, self-esteem, and physiological reactions in a performance situation. *Journal of Rational - Emotive and Cognitive - Behavior Therapy*, *26*(3), 206–228. <https://doi.org/10.1007/s10942-007-0067-0>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (1st ed., pp. 843–860). Springer Nature Singapore Pte. Ltd. [https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4\\_103](https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103)
- Buote, V. M., Wilson, A. E., Strahan, E. J., Gazzola, S. B., & Papps, F. (2011). Setting the bar:

- Divergent sociocultural norms for women's and men's ideal appearance in real-world contexts. *Body Image*, 8(4), 322–334. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2011.06.002>
- Burnette, C. B., Kwitowski, M. A., Trujillo, M. A., & Perrin, P. B. (2019). Body Appreciation in Lesbian, Bisexual, and Queer Women: Examining a Model of Social Support, Resilience, and Self-Esteem. *Health Equity*, 3(1), 238–245. <https://doi.org/10.1089/heq.2019.0003>
- Buunk, A. P., & Gibbons, F. X. (2007). Social comparison: The end of a theory and the emergence of a field. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 102(1), 3–21. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2006.09.007>
- Cardoso, J. G. M., Paz, B. M., Rocha, K. B., & Pizzinato, A. (2019). Image, body, and language in the usage of Grindr. *Psicologia USP*, 30(2017), 1–11. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180160>
- Carper, T. L. M., Negy, C., & Tantleff-Dunn, S. (2010). Relations among media influence, body image, eating concerns, and sexual orientation in men: A preliminary investigation. *Body Image*, 7(4), 301–309. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2010.07.002>
- Carreiras, L. M. C. (2014). Autoestima sexual, identidade e homofobia internalizada numa população LGB. In *Faro: Universidade do Algarve*. Universidade do Algarve tem.
- Cash, T. F. (2004). Body image: Past, present, and future. *Body Image*, 1(1), 1–5. [https://doi.org/10.1016/S1740-1445\(03\)00011-1](https://doi.org/10.1016/S1740-1445(03)00011-1)
- Cash, T. F., Morrow, J. A., Hrabosky, J. I., & Perry, A. A. (2004). How has body image changed? A cross-sectional investigation of college women and men from 1983 to 2001. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72(6), 1081–1089. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.72.6.1081>
- Cash, T. F., & Smolak, L. (2011). Sample Chapter: Body Image, Second Edition: A Handbook of Science, Practice, and Prevention. In T. F. Cash (Ed.), *Body Image: A Handbook of Science, Practice, and Prevention, Second Edition* (2nd ed., pp. 3–11). Guilford Press. [www.guilford.com/p/cash2](http://www.guilford.com/p/cash2)
- Cass, V. C. (1979). Homosexuality Identity Formation. *Journal of Homosexuality*, 4(3), 219–235. [https://doi.org/10.1300/J082v04n03\\_01](https://doi.org/10.1300/J082v04n03_01)
- Cerezo, A., Cummings, M., Holmes, M., & Williams, C. (2020). Identity as Resistance: Identity Formation at the Intersection of Race, Gender Identity, and Sexual Orientation. *Psychology of Women Quarterly*, 44(1), 67–83. <https://doi.org/10.1177/0361684319875977>
- Clarke, V., & Spence, K. (2013). ‘I am who I am’? Navigating norms and the importance of

- authenticity in lesbian and bisexual women's accounts of their appearance practices. *Psychology and Sexuality*, 4(1), 25–33. <https://doi.org/10.1080/19419899.2013.748240>
- Conner, M., Johnson, C., & Grogan, S. (2004). Gender, sexuality, body image and eating behaviours. *Journal of Health Psychology*, 9(4), 505–515. <https://doi.org/10.1177/1359105304044034>
- Convertino, A. D., Brady, J. P., Albright, C. A., Gonzales, M., & Blashill, A. J. (2021). The role of sexual minority stress and community involvement on disordered eating, dysmorphic concerns and appearance- and performance-enhancing drug misuse. *Body Image*, 36, 53–63. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.10.006>
- Craig, S. L., & McInroy, L. (2014). You Can Form a Part of Yourself Online: The Influence of New Media on Identity Development and Coming Out for LGBTQ Youth. *Journal of Gay and Lesbian Mental Health*, 18(1), 95–109. <https://doi.org/10.1080/19359705.2013.777007>
- Silva, M. O., & Branco, A. U. (2019). Obesity, Prejudice, Self, and Culture: A Longitudinal Case Study. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, 1–9. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2926>
- Silva, N. G., & Da Silva, J. (2019). Aspectos Psicossociais Relacionados à Imagem Corporal de Pessoas com Excesso de Peso. *Revista Subjetividades*, 19(1), 1. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e8030>
- Damasceno, V. O., Vianna, V. R. Á., Lacio, M., Lima, J. R. P., & Novaes, J. S. (2006). Imagem corporal e corpo ideal. *Rev. Bras. Ciênc. Mov*, 14(2), 81–94. <https://doi.org/10.18511/rbcm.v14i2.691>
- David, P. (1994). What is Body Image? *Behaviour Research and Therapy*, 32(5), 497–502.
- De Oliveira, J. M., Lopes, D., Costa, C. G., & Nogueira, C. (2012). Lesbian, Gay, and Bisexual Identity Scale (LGBIS): Construct Validation, Sensitivity Analyses and other Psychometric Properties. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 334–347. [https://doi.org/10.5209/rev\\_SJOP.2012.v15.n1.37340](https://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n1.37340)
- De Sousa, M. de O., & Sirelli, P. M. (2018). Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serviço Social & Sociedade*, 132, 326–345. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.144>
- Diamond, L. (2000). Sexual identity, attractions, and behavior among young sexual-minority women over a 2-year period. *Developmental Psychology*, 36(2), 241–250. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.36.2.241>
- Diamond, L. (2016). Sexual Fluidity in Male and Females. *Current Sexual Health Reports*, 8(4),

- 249–256. <https://doi.org/10.1007/s11930-016-0092-z>
- Dittmar, H. (2009). How do “body perfect” ideals in the media have a negative impact on body image and behaviors? Factors and processes related to self and identity. *Journal of Social and Clinical Psychology, 28*(1), 1–8. <https://doi.org/10.1521/jscp.2009.28.1.1>
- Dworkin, S. H. (1989). Not in Man ’ s Image : *Women & Therapy, 8*(1–2), 27–39. <https://doi.org/10.1300/J015v08n01>
- Fairburn, C. G., & Harrison, P. J. (2003). Eating disorders. *The Lancet, 361*, 407–416. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(03\)12378-1](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(03)12378-1)
- Fernandes-Eloi, J., Maia, L. M., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Construção e evidências de validade da Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS-Lésbicas). *Psico, 50*(4), 1–13. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.29944>
- Ferreira, C., Gouveia, J. P., & Duarte, C. (2011). Desenvolvimento de uma Escala de Comparação Social através da Aparência Física: Estudo exploratório da estrutura factorial e das propriedades psicométricas numa amostra feminina da população geral. *Psychologica, 54*, 309–358. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_54\\_12](https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_12)
- Ferreira, L., Corazza, J. F., Francisco, J. N., & Neves, A. N. (2018). Translation and cultural adaptation of Perfectionism Scale or Physical Appearance (PAPS) for portuguese in Brazil. *Revista Brasileira de Ciencias Do Esporte, 40*(3), 266–272. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.002>
- Festinger, L. (1954). A Theory Of Social Comparison Processes. *Human Relations, 7*(2), 117–140. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Toward understanding women’s lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly, 21*(2), 173–206. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00108.x>
- Frost, R. O., Marten, P., Lahart, C., & Rosenblate, R. (1990). The dimensions of perfectionism. *Cognitive Therapy and Research, 14*(5), 449–468. <https://doi.org/10.1007/BF01172967>
- Gaspodini, I. B., & Jesus, J. G. de. (2020). Heterocentrismo e ciscentrismo: Crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. *Revista Universo Psi, 1*(2), 33–51. <http://seer.faccat.br/index.php/psi/article/view/1771/1131>
- Goodrich, K. M., & Kathryn Brammer, M. (2019). D’Augelli’s Model of LGB Identity Development: A Critical Analysis. *Journal of LGBT Issues in Counseling, 13*(2), 152–171. <https://doi.org/10.1080/15538605.2019.1597820>

- Grogan, S. (2016). *Body Image: understanding body dissatisfaction in men, women and children*. In *Routledge* (3rd ed.).
- Grogan, S., Conner, M., & Smithson, H. (2006). Sexuality and exercise motivations: Are gay men and heterosexual women most likely to be motivated by concern about weight and appearance? *Sex Roles, 55*(7–8), 567–572. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9110-3>
- Guízar-Sánchez, D., Yoldi-Negrete, M., Robles-García, R., Tovilla-Zarate, C. A., Manjarrez-Gutiérrez, L., Lugowski-Rivero, C. K., Heinze-Martin, G., & Fresán, A. (2020). Self-perceived health in psychiatrists and psychiatry trainees. The role of perfectionism and distress. *Salud Mental, 43*(5), 201–208. <https://doi.org/10.17711/sm.0185-3325.2020.028>
- Hagai, E. Ben, & Seymour, N. (2021). Is lesbian identity obsolete? *Journal of Lesbian Studies, Preprint*. <https://doi.org/10.1080/10894160.2021.2005231>
- Henderson-King, E., & Henderson-King, D. (1997). Media Effects on Women's Body Esteem: Social and Individual Difference Factors. *Journal of Applied Social Psychology, 27*(5), 399–417. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1997.tb00638.x>
- Henning, C. E. (2015). Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações - Revista de Ciências Sociais, 20*(2), 97. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>
- Herek, G. M., Gillis, J. R., & Cogan, J. C. (2009). Internalized Stigma Among Sexual Minority Adults: Insights From a Social Psychological Perspective. *Journal of Counseling Psychology, 56*(1), 32–43. <https://doi.org/10.1037/a0014672>
- Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (1991). Perfectionism in the Self and Social Contexts: Conceptualization, Assessment, and Association With Psychopathology. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*(3), 456–470. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.3.456>
- Holland, G., & Tiggemann, M. (2016). A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. In *Body Image* (Vol. 17, pp. 100–110). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.02.008>
- Huxley, C. J., Clarke, V., & Halliwell, E. (2014). A qualitative exploration of whether lesbian and bisexual women are 'protected' from sociocultural pressure to be thin. *Journal of Health Psychology, 19*(2), 273–284. <https://doi.org/10.1177/1359105312468496>
- Kelly, L. (2007). Lesbian Body Image Perceptions: The Context of Body Silence. *Qualitative*

- Health Research*, 17(7), 873–883. <https://doi.org/10.1177/1049732307306172>
- Kholmogorova, A., Tarhanova, P., & Shalygina, O. (2018). Standards of physical beauty and mental health in children and young people in the era of the information revolution. *International Journal of Culture and Mental Health*, 11(1), 87–98. <https://doi.org/10.1080/17542863.2017.1394007>
- Kim, K. (2021). From the Lingerie Girls to the Legends Gladiators : Exploring Erotic Capital and Media sexualization of the LFL ’ s commercials. *International Journal of Applied Sports Sciences*, 33(1), 1–16. <https://doi.org/10.24985/ijass.2021.33.1.1>
- Kleemans, M., Daalmans, S., Carbaat, I., & Anschütz, D. (2018). Picture Perfect: The Direct Effect of Manipulated Instagram Photos on Body Image in Adolescent Girls. *Media Psychology*, 21(1), 93–110. <https://doi.org/10.1080/15213269.2016.1257392>
- Koff, E., Lucas, M., Migliorini, R., & Grossmith, S. (2010). Women and body dissatisfaction: Does sexual orientation make a difference? *Body Image*, 7(3), 255–258. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2010.03.001>
- Lawrenz, P.; & Habigzang, L. F. Homofobia Internalizada e Estresse de Minoria In: Ramos, M. de M. & Cerqueira-Santos, E. (Org.). *Psicologia & Sexualidade: diversidade sexual*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021, p. 209-225
- Lira, A. G., Ganen, A. de P., Lodi, A. S., & Alvarenga, M. D. S. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 66(3), 164–171. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>
- Lo, I. P. Y., Kim, Y. K., Small, E., & Chan, C. H. Y. (2019). The Gendered Self of Chinese Lesbians: Self-Esteem as a Mediator Between Gender Roles and Depression. *Archives of Sexual Behavior*, 48(5), 1543–1554. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1402-0>
- Losty, M., & O’Connor, J. (2018). Falling outside of the ‘nice little binary box’: a psychoanalytic exploration of the non-binary gender identity. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 32(1), 40–60. <https://doi.org/10.1080/02668734.2017.1384933>
- Loureiro, C. P. (2014). *Corpo, Beleza e Auto-Objetificação Feminina* [Universidade Federal do Espírito Santo]. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/5577>
- Marcus, R., and Harper, C. (2014). *Gender Justice and Social Norms—Processes of Change for Adolescent Girls*. London: Overseas Development Institute.
- Martínez, A. (2015). La identidad sexual en clave lesbiana. Tensiones político-conceptuales: desde el feminismo radical hasta Judith Butler. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista*

- Latinoamericana*, 19(Apr. 2015), 102–132. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.19.08.a>
- Mason, T. B., & Lewis, R. J. (2019). Clustered Patterns of Behavioral and Health-Related Variables Among Young Lesbian Women. *Behavior Therapy*, 50(4), 683–695. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2018.10.006>
- McCarn, S. R., & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning Sexual Minority Identity Formation: A New Model of Lesbian Identity and its Implications for Counseling and Research. *The Counseling Psychologist*, 24(3), 508–534. <https://doi.org/10.1177/0011000096243011>
- Mellor, D., Fuller-Tyszkiewicz, M., McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2010). Body Image and Self-Esteem Across Age and Gender: A Short-Term Longitudinal Study. *Sex Roles*, 63(9–10), 672–681. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9813-3>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Middleton, K., Turnbull, S., & Oliveira, M. J. De. (2019). Female role portrayals in Brazilian advertising : are outdated cultural stereotypes preventing change ? Female role portrayals in Brazilian advertising : are. *International Journal of Advertising*, 0(0), 1–20. <https://doi.org/10.1080/02650487.2019.1658428>
- Mohr, J., & Fassinger, R. (2000). Measuring dimensions of lesbian and gay male experience. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 33(2), 66–90. <https://doi.org/10.1080/07481756.2000.12068999>
- Mohr, J. J., & Fassinger, R. E. (2006). Sexual orientation identity and romantic relationship quality in same-sex couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(8), 1085–1099. <https://doi.org/10.1177/0146167206288281>
- Morrison, M. A., Morrison, T. G., & Sager, C. L. (2004). Does body satisfaction differ between gay men and lesbian women and heterosexual men and women? A meta-analytic review. *Body Image*, 1(2), 127–138. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2004.01.002>
- Mueller, A. S., Pearson, J., Muller, C., Frank, K., & Turner, A. (2010). Sizing up peers: Adolescent girls' weight control and social comparison in the school context. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(1), 64–78. <https://doi.org/10.1177/0022146509361191>
- Mulgrew, K. E., Findlay, C., Lane, B. R., & Halliwell, E. (2021). Does body appreciation or satisfaction buffer against idealised functionality-focused images of models? *Body Image*,

- 36, 45–52. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.09.007>
- Mulgrew, K. E., Schulz, K., Norton, O., & Tiggemann, M. (2020). The effect of thin and average-sized models on women's appearance and functionality satisfaction: Does pose matter? *Body Image*, 32, 128–135. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.12.004>
- Myers, A., Taub, J., Morris, J. F., & Rothblum, E. D. (1999). Beauty Mandates and the Appearance Obsession. *Journal of Lesbian Studies*, 3(4), 15–26. [https://doi.org/10.1300/J155v03n04\\_03](https://doi.org/10.1300/J155v03n04_03)
- Neumark-Sztainer, D., Paxton, S. J., Hannan, P. J., Haines, J., & Story, M. (2006). Does Body Satisfaction Matter? Five-year Longitudinal Associations between Body Satisfaction and Health Behaviors in Adolescent Females and Males. *Journal of Adolescent Health*, 39(2), 244–251. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2005.12.001>
- Neves, A. N., Francisco, J. N., Corazza, J. F., Carvalho, R. L. de P., & Ferreira, L. (2019). Propriedades psicométricas da versão em português Brasileiro da Physical Appearance Perfectionism Scale. *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, 19(1), 302–314. <https://doi.org/10.6018/cpd.339931>
- Patterson, H., Firebaugh, C. M., Zolnikov, T. R., Wardlow, R., Morgan, S. M., & Gordon, B. (2021). A Systematic Review on the Psychological Effects of Perfectionism and Accompanying Treatment. *Psychology*, 12(01), 1–24. <https://doi.org/10.4236/psych.2021.121001>
- Pinto, I. V., de Araújo, S. S., Rodrigues, L. L., Correia, R. S. de B., Santos, A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L. A., Polidoro, M., & Canavese, D. (2020). Perfil das notificações de violências em lésbicas , gays , bissexuais , travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação , Brasil , 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, 1–13. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>
- Rich, A. (1980). Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 5(4), 601–660. <https://doi.org/10.1086/493756>
- Robinson, L., Prichard, I., Nikolaidis, A., Drummond, C., Drummond, M., & Tiggemann, M. (2017). Idealised media images: The effect of fitspiration imagery on body satisfaction and exercise behaviour. *Body Image*, 22, 65–71. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.06.001>
- Rodgers, R. F., McLean, S. A., & Paxton, S. J. (2015). Longitudinal relationships among internalization of the media ideal, peer social comparison, and body dissatisfaction: Implications for the tripartite influence model. *Developmental Psychology*, 51(5), 706–713.

<https://doi.org/10.1037/dev0000013>

- Rodin, J., Silberstein, L., & Striegel-Moore, R. (1984). Women and weight: a normative discontent. *Nebraska Symposium on Motivation. Nebraska Symposium on Motivation*, 32(February 1984), 267–307.
- Rosenberg, M., Schooler, C., Schoenbach, C., & Rosenberg, F. (1995). Global Self-Esteem and Specific Self-Esteem: Different Concepts, Different Outcomes. *American Sociological Review*, 60(1), 141. <https://doi.org/10.2307/2096350>
- Rothblum, E. D. (1994). Lesbians and Physical Appearance: Which Model Applies? In B. Greene & G. Herek (Eds.), *Lesbian and Gay Psychology: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 84–97). <https://doi.org/10.4135/9781483326757.n5>
- Rothblum, E. D. (2000). Lesbian at large.pdf. In S. Bovey (Ed.), *Sizeable Reflections: Big Women Living Full Lives*. Women’s Press.
- Rothblum, E. D. (2002). Gay and Lesbian Body Images. In T. Cash, T.F.; Pruzinsky (Ed.), *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice* (pp. 257–265). The Guilford Press.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell’Aglío, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15(3), 395–403. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>
- Siegel, J. A., Ramseyer Winter, V., & Cook, M. (2021). “It really presents a struggle for females, especially my little girl”: Exploring father’s experiences discussing body image with their young daughters. *Body Image*, 36, 84–94. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.11.001>
- Siever, M. D. (1994). Sexual orientation and gender as factors in socioculturally acquired vulnerability to body dissatisfaction and eating disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62(2), 252–260. <https://doi.org/10.1037//0022-006x.62.2.252>
- Smith, M. L., Telford, E., & Tree, J. J. (2017). Body image and sexual orientation: The experiences of lesbian and bisexual women. *Journal of Health Psychology*, 24(9), 1178–1190. <https://doi.org/10.1177/1359105317694486>
- Soares, G. S., & Sardenberg, C. M. B. (2014). Estilo Bofe: ferramentas de produção de gênero e sexualidade em lésbicas e bissexuais. In *18º Redor*.
- Stojcic, I., Dong, X., & Ren, X. (2020). Body Image and Sociocultural Predictors of Body Image Dissatisfaction in Croatian and Chinese Women. *Frontiers in Psychology*, 11(May), 1–18. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00731>

- Strahan, E. J., Wilson, A. E., Cressman, K. E., & Buote, V. M. (2006). Comparing to perfection: How cultural norms for appearance affect social comparisons and self-image. *Body Image*, 3(3), 211–227. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2006.07.004>
- Striegel-Moore, R. H., Tucker, N., & Hsu, J. (1990). Body image dissatisfaction and disordered eating in lesbian college students. *International Journal of Eating Disorders*, 9(5), 493–500. [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(199009\)9:5<493::AID-EAT2260090504>3.0.CO;2-C](https://doi.org/10.1002/1098-108X(199009)9:5<493::AID-EAT2260090504>3.0.CO;2-C)
- Tang, D. T. S. (2021). Everyday erotics in urban density: an ethnography of older lesbian and bisexual women in Hong Kong. *Gender, Place and Culture*, 28(11), 1649–1668. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2020.1859464>
- Tatangelo, G., McCabe, M., Mellor, D., & Mealey, A. (2016). A systematic review of body dissatisfaction and sociocultural messages related to the body among preschool children. *Body Image*, 18, 86–95. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.06.003>
- Tate, C. C. (2012). Considering Lesbian Identity from a Social-Psychological Perspective: Two Different Models of “Being a Lesbian.” *Journal of Lesbian Studies*, 16(1), 17–29. <https://doi.org/10.1080/10894160.2011.557639>
- Teixeira, F. A., & Cardoso, F. L. (2017). Orientação sexual e fatores associados em homens homossexuais. *Cinergis*, 18(2), 88. <https://doi.org/10.17058/cinergis.v18i2.8301>
- Tiggemann, M., & Barbato, I. (2018). “You look great!”: The effect of viewing appearance-related Instagram comments on women’s body image. In *Body Image* (Vol. 27, pp. 61–66). Elsevier Ltd. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.08.009>
- Tilio, R. de, Moré, I. A. A., Sampaio, N. P., Ribeiro-leandro, R. C., Cohen, C. R., & Leonidas, C. (2021). Corpo Feminino e Violência de Gênero: uma Análise do Documentário “Chega de Fio Fiu.” *Psicologia & Sociedade*, 33, 1–16. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33228620>
- Troop, N. A., Allan, S., Treasure, J. L., & Katzman, M. (2003). Social comparison and submissive behaviour in eating disorder patients. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 76(3), 237–249. <https://doi.org/10.1348/147608303322362479>
- Tylka, T. L., & Wood-Barcalow, N. L. (2015). What is and what is not positive body image? Conceptual foundations and construct definition. *Body Image*, 14, 118–129. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.04.001>
- Valdés, A. (2019). Can erotic capital subvert masculine economy? Aesthetic work and the post-feminist approach to economics. *RECERCA, REVISTA DE PENSAMENT I ANÀLISI*, 24(2),

87–108. <https://doi.org/10.6035/Recerca.2019.24.2.5>

- Warner, M. (2004). *Fear Of a Queer Planet* (M. Warner (ed.); 6th ed., Vol. 6). University of Minnesota Press. <https://doi.org/10.4324/9780203694459-8>
- Whale, K., Gillison, F. B., & Smith, P. C. (2014). ‘Are you still on that stupid diet?’: Women’s experiences of societal pressure and support regarding weight loss, and attitudes towards health policy intervention. *Journal of Health Psychology, 19*(12), 1536–1546. <https://doi.org/10.1177/1359105313495072>
- Yang, H., & Stoeber, J. (2012). The physical appearance perfectionism scale: Development and preliminary validation. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 34*(1), 69–83. <https://doi.org/10.1007/s10862-011-9260-7>
- Yang, J., & Íñiguez-rueda, L. (2020). Homosexualidad masculina y lesbianismo em la producción académica de la psicología: una revisión bibliográfica sistemática. *Revista Interamericana de Psicología, 54*(3), 1–27.
- Yean, C., Benau, E. M., Dakanalis, A., Hormes, J. M., Perone, J., & Timko, C. A. (2013). The relationship of sex and sexual orientation to self-esteem, body shape satisfaction, and eating disorder symptomatology. *Frontiers in Psychology, 4*(NOV), 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00887>

## ANEXOS

### Anexo A - Questionário Sociodemográfico

Nome/apelido: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Qual sua raça/etnia? ( ) Branca ( ) Parda (negra) ( ) Preta (negra) ( ) Amarela ( ) Indígena

#### **Identidade de gênero:**

Como te identificas?

( ) mulher cisgênero (me identifico com o gênero que me foi designado no nascimento)

( ) mulher transgênero (me identifico com gênero diferente ao que me foi designado no nascimento)

( ) outro gênero. Qual? \_\_\_\_\_

#### **Qual a sua situação em termos de trabalho / estudo?**

( ) Nem estudo nem trabalho. ( ) Estudo. ( ) Estudo e trabalho. ( ) Trabalho. ( ) Aposentada.

( ) Seguro-desemprego.

#### **Quantas pessoas moram na mesma residência que você?**

( ) Nenhuma ( ) 1 a 2 membros ( ) 3 a 4 membros ( ) 5 a 7 membros ( ) Acima de 7 membros

#### **Quanto é sua renda familiar (a soma de todos que vivem na sua casa, incluindo você)?**

( ) Abaixo de 2 salários mínimos (abaixo de R\$ 1.996,00)

( ) Entre 2 e 5 salários mínimos (entre R\$ 1.996, 00 e R\$ 4.990,00)

( ) Entre 5 e 15 salários mínimos (entre R\$ 4.990, 00 e R\$ 14.970,00)

( ) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.970,00)

#### **Qual a sua escolaridade?**

( ) Sem escolaridade ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino superior incompleto

( ) Ensino superior completo ( ) Pós-graduação

#### **Qual o seu estado civil?**

( ) Solteira, sem relacionamento fixo ( ) Solteira, namorando ( ) Solteira, em relacionamento

aberto ( ) Casada ou em união estável ( ) Separada ou divorciada

( ) Viúva

Cidade/Estado de residência: \_\_\_\_\_

**Qual o seu peso? \_\_\_\_\_kg Qual a sua altura? \_\_\_\_\_cm**

**Com que frequência você assiste televisão? (TV aberta ou TV por assinatura)**

- Todos os dias  De 3 a 5 vezes por semana
- De 2 a 3 vezes por semana  Uma vez por semana
- Uma vez a cada duas semanas  Uma vez por mês
- Nunca vejo televisão

**Para cada dia que você assiste televisão, quantas horas, em média, você assiste TV?  
(TV aberta ou TV por assinatura)**

- Menos de uma hora  De uma a duas horas
- De duas a quatro horas  De quatro a seis horas
- Acima de seis horas

**O que você costuma assistir na Televisão? (TV aberta ou TV por assinatura)**

\_\_\_\_\_

**Com que frequência você lê revistas? (Revista impressa ou Revista on-line)**

- Cerca de uma vez por mês  Leio esporadicamente  Nunca leio revistas

**Com que frequência você utiliza a internet para lazer?**

- Todos os dias  De 2 a 3 vezes por semana
- Uma vez por semana  Uma vez a cada 2 semanas
- Uma vez por mês  Nunca

**Quantas horas, em média, você passa na internet a cada dia que a utiliza para lazer?**

- Menos de uma hora  De uma a duas horas  De duas a quatro horas
- De quatro a seis horas  Acima de seis horas

**Que tipos de mídia você costuma visitar quando utiliza a internet para lazer?**

- Facebook  Instagram  Snapchat  E-mail  You Tube

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

**Dentre essas mídias, na sua percepção, qual a que você mais acessa? \_\_\_\_\_**

**Você utiliza ou já utilizou algum aplicativo de paquera?**

- Não utilizo
- Utilizo
- Já utilizei Qual(is)? \_\_\_\_\_

**Anexo B - Escala de Satisfação Corporal e Satisfação Sexual para Lésbicas (ESCSS-Lésbicas) (Fernandes-Eloi, Maia, & Cerqueira-Santos, 2019)**

**ESCALA 1: PERCEPÇÃO CORPORAL (0 é pouco e 6 é muito)**

<b>Percepção do meu corpo</b>	<b>Pouco</b>		<b>Médio</b>		<b>Muito</b>		
O quanto acho meu corpo harmonioso?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto acho o meu corpo bonito?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto percebo que causo uma boa impressão?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto acho o meu corpo sensual?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto percebo que os outros me acham sexy?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto estou satisfeita (o) com o meu corpo?	0	1	2	3	4	5	6

**ESCALA 2: SATISFAÇÃO CORPORAL (0 é pouco e 6 é muito)**

<b>Satisfação com o meu corpo</b>	<b>Pouco</b>		<b>Médio</b>		<b>Muito</b>		
O quanto gosto do meu rosto?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gosto da cordos meus olhos?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gosto do meu cabelo?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gosto da minha cor de pele?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gosto da minha genitália?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gostaria de ser mais gorda/o? <sup>R</sup>	0	1	2	3	4	5	6
O quanto gostaria de ser mais baixa/o? <sup>R</sup>	0	1	2	3	4	5	6

**ESCALA 3: INTIMIDADE CORPORAL (0 é pouco e 6 é muito)**

<b>Relação com o meu corpo</b>	<b>Pouco</b>		<b>Médio</b>		<b>Muito</b>		
O quanto olho o meu corpo inteiro no espelho?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto toco o meu corpo de forma geral?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto conheço o meu cheiro corporal?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto conheço minha genitália?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto toco a minha genitália?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto conheço meu cheiro genital?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto me masturbo?	0	1	2	3	4	5	6

**ESCALA 4: DISPOSIÇÃO SEXUAL** (0 é pouco e 6 é muito )

<b>Pré-disposição para o sexo</b>	<b>Pouco</b>			<b>Médio</b>		<b>Muito</b>	
O quanto estou sempre disposta(o) para o sexo?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto me interessa por sexo?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto me excito facilmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto o meu corpo reage à excitação?	0	1	2	3	4	5	6

**ESCALA 5: SATISFAÇÃO SEXUAL** (0 é pouco e 6 é muito )

<b>Satisfação com a vida sexual</b>	<b>Pouco</b>			<b>Médio</b>		<b>Muito</b>	
O quanto me sinto satisfeito (a) com minha vida sexual?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto a minha frequência de atividade sexual me satisfaz?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto atingir o orgasmo durante o ato sexual me satisfaz sexualmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto atingir o orgasmo me satisfaz sexualmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto me sentir amado(a) na relação me satisfaz sexualmente?	0	1	2	3	4	5	6
O quanto as preliminares que antecedem o ato sexual me satisfazem?	0	1	2	3	4	5	6

**Anexo C - Escala de Perfeccionismo para a Aparência Física (PAPS)(Yang & Stoeber, 2012), traduzido e adaptado para o português europeu por (L. Ferreira, Corazza, Francisco, & Neves, 2018)**

<p>Por favor, leia cada afirmação e decida o quanto você concorda ou discorda com cada uma delas. Se você concordar fortemente, circule o 5. Se você discordar fortemente, circule o número 1. Se apenas discordar ou concordar, circule os números 2 e 4, respectivamente. Se sua resposta for neutra, ou não tiver certeza, circule o número médio, que é 3. Obrigada.</p>		
<p>Discordo Fortemente    1   2   3   4   5    Concordo Fortemente</p>		
1	Estou satisfeito (a) com a minha aparência.	1   2   3   4   5
2	Espero que minha forma corporal seja perfeita.	1   2   3   4   5
3	Nunca estou feliz com minha aparência, não importa como eu me vista.	1   2   3   4   5
4	Espero que eu pareça atraente.	1   2   3   4   5
5	Preocupa-me que a minha aparência não seja boa o suficiente.	1   2   3   4   5
6	Espero que os outros admirem minha aparência.	1   2   3   4   5
7	Espero que os outros me achem atraente.	1   2   3   4   5
8	Gostaria de poder mudar completamente minha aparência.	1   2   3   4   5
9	Minha aparência está longe de minhas expectativas	1   2   3   4   5
10	Eu me preocupo com os outros serem críticos em relação à minha aparência.	1   2   3   4   5
11	Frequentemente penso sobre as imperfeições da minha aparência.	1   2   3   4   5
12	Desejo ser bonito/bonita.	1   2   3   4   5

**Anexo D - Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965). Traduzida e adaptada por Hutz, 2000 – Versão adaptada e validada por (Sbicigo, Bandeira, & Dell’Aglío, 2010)**

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente as afirmativas abaixo e indique o quanto você concorda com cada uma delas utilizando escala a seguir:

1	2	3	4
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente

01. \_\_\_ Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.
02. \_\_\_ Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.
03. \_\_\_ Às vezes, eu penso que não presto para nada.
04. \_\_\_ Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.
05. \_\_\_ Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.
06. \_\_\_ Às vezes, eu me sinto inútil.
07. \_\_\_ Eu acho que tenho muitas boas qualidades.
08. \_\_\_ Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.
09. \_\_\_ De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).
10. \_\_\_ Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo(a).

## Anexo E - Escala de Identidade – LGBIS

Como você se identifica em termos de orientação sexual:

<input type="checkbox"/> Homossexual
<input type="checkbox"/> Heterossexual
<input type="checkbox"/> Bissexual
<input type="checkbox"/> Outra: _____

As afirmativas abaixo dizem respeito a como você pensa sobre sua identidade. Assinale no campo que melhor corresponde a sua opinião, lembrando que o número um (1) é quando você discorda totalmente da afirmativa e o número sete (7) é quando concorda totalmente com a frase apresentada:

I) Insatisfação Identitária (a = 88)	
1. Se pudesse escolher, preferia ser heterossexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
2. Quem me dera ser heterossexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
3. A minha vida seria mais preenchida se eu fosse heterossexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
4. Acho que é injusto sentir-me atraída por pessoas do mesmo sexo.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
5. Fico feliz por ser uma pessoa lésbica ou bissexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

II) Incerteza Identitária (a = 91)	
6. Não tenho total certeza de qual é minha orientação sexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
7. Mudo frequentemente de opinião sobre a minha orientação sexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
8. Não estou totalmente certa de qual é a minha orientação sexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

9.Não sei dizer se sou bissexual ou lésbica.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
<b>III) Sensibilidade ao Estigma (a = 76)</b>	
10.Pergunto-me regularmente se os/as outros/as me julgam pela minha orientação sexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
11.Penso bastante sobre o quanto a minha orientação sexual afeta a forma como os/as outros/as me veem.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
12.Não me sinto confortável sabendo que outros/as me julguem negativamente por causa da minha orientação sexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
13.Assumir-me para os meus amigos e família foi/tem sido um processo muito longo	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
14.Se não se tem cuidado com quem nos assumimos, podemos acabar muito magoadas.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
15.Fico desconfortável perto de heterossexuais por ser lésbica/bissexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
16.Não serei capaz de aceitar totalmente a minha orientação sexual até que todas as pessoas da minha vida me aceitem.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

IV) Centralidade da Identidade (a = 79)	
17. Ser lésbica/bissexual é um aspecto bastante importante da minha vida.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
18. A minha orientação sexual é um aspecto central da minha identidade.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
19. Para me compreenderem como pessoa é necessário saberem que sou lésbica/bissexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
20. A minha orientação sexual é uma parte insignificante para definir quem eu sou.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
21. Sinto-me orgulhosa de ser parte da comunidade lésbica/bissexual.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

V) Dificuldades no Processo id. (a = 81)	
22. Admitir para mim própria que sou uma pessoa lésbica/bissexual foi um processo muito lento.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
23. Admitir para mim mesma que sou lésbica/bissexual foi um processo muito doloroso.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
24. Me senti confortável com a minha orientação sexual desde o início.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
25. O meu desenvolvimento enquanto lésbica/bissexual tem sido um processo bastante natural para mim.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

VI) Motivação para dissimulação id. (a = 77)	
26.A minha orientação sexual é um assunto muito pessoal e privado.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
27.Prefiro manter as minhas relações com pessoas do mesmo sexo privadas.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
28.O meu comportamento sexual privado não diz respeito a ninguém.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
29.Tento manter um controle cuidadoso de quem sabe sobre as minhas relações com pessoas do mesmo sexo.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
30.Penso muito antes de me assumir a alguém.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

VII) Superioridade identitária (a = 77)	
31.Olho para heterossexuais com ar de superioridade.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
32.Sinto que as pessoas lésbicas/bissexuais são superiores a heterossexuais.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>
33.As pessoas heterossexuais tem vidas mais chatas/monótonas que as pessoas lésbicas/bissexuais.	<i>Discordo Totalmente: 1 : 2 : 3 : 4 : 5 : 6 : 7 : Concordo Totalmente</i>

## Anexo F - Parecer Consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** IDENTIDADE SEXUAL E AUTOAVALIAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM MULHERES LÉSBICAS

**Pesquisador:** Adolfo Pizzinato

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 32732120.0.0000.5334

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia - UFRGS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.144.118

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado, que enfoca as especificidades do público de mulheres lésbicas, tomando a seguinte questão como central: a satisfação corporal relaciona-se ao perfeccionismo físico, à comparação social e à autoestima e influenciam a identidade lésbica? A partir de uma abordagem multidimensional, relacionada à construção de uma identidade lésbica e bissexual, a investigação é composta por dois estudos integrados. O primeiro, quantitativo, de corte transversal, será construído através da aplicação de um conjunto de instrumentos padronizados que pretendem avaliar o perfeccionismo físico, a autoestima e construtos relacionados à comparação social, à identidade e à orientação sexual – Escala de Intimidade Corporal e Satisfação Sexual (ESCSS – Lésbicas); Escala de Perfeccionismo para a Aparência Física (PAPS); Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR); Escala Identidade – LGBIS; Questionário sociodemográfico. Nessa etapa, serão convidadas 860 mulheres autodeclaradas lésbicas, maiores de 18 anos, residentes no Brasil, que possuam acesso à internet para preenchimento on-line de questionários. Estima-se uma amostra de no mínimo 200 participantes. O recrutamento e seleção das mesmas será realizado por meio de convite à participação junto a grupos dedicados ao público de lésbicas nas redes sociais, assim como a colegas e pessoas que integram os contatos profissionais da mestranda. Além disso, poderão ser contatadas entidades que atuam em favor da comunidade LGBT. Os dados serão coletados por meio de questionário online utilizando a

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 4.144.118

plataforma Forms – Google online.

O segundo estudo, qualitativo, será conduzido mediante a seleção de participantes do primeiro estudo. Serão convidadas oito participantes. O convite será realizado a uma participante que obteve maior pontuação em cada escala e uma que obteve menor pontuação. O convite será feito obedecendo ao ranking de pontuação, até que o número de oito participantes tenha consentido com a participação. Nessa fase, por meio de entrevista semi-dirigida (partindo de algumas questões-chave, elencadas no projeto), pretende-se aprofundar o estudo em termos da relação entre imagem corporal e o uso de redes sociais, onde figurem relações de interesse físico, sexual e ou afetivo.

Serão incluídas, no estudo, mulheres que se auto identifiquem como lésbicas, maiores de 18 anos, residentes no Brasil e com acesso à internet para resposta on-line. Para o segundo estudo, elenca-se, no projeto, também como critério de inclusão a utilização de redes sociais e/ou aplicativos de busca por relacionamentos.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral:

Analisar o papel da satisfação corporal e sua relação com o perfeccionismo físico, a comparação social e a autoestima, bem como identificar se eles influenciam a identidade lésbica.

Objetivos Específicos:

Estudo 01: Analisar o papel da satisfação corporal e sua relação com o perfeccionismo físico, a comparação social e a autoestima, bem como identificar se eles influenciam a identidade lésbica.

Estudo 02: a) Conhecer a percepção de mulheres lésbicas sobre a pressão social na busca pelo ideal de imagem corporal veiculado nas mídias impressa e digital e; b) Compreender as relações que mulheres lésbicas possuem com aparência física e o uso de redes sociais, bem como de aplicativos de busca por relacionamentos.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo informado no TCLE pelos pesquisadores, trata-se de uma pesquisa de baixo risco. Foi informado que, considerando a temática da pesquisa, que versa sobre questões relacionadas à satisfação com o corpo, autoestima, perfeccionismo físico, comparação social e questões identitárias de orientação sexual, poderá haver algum desconforto ou necessidade de suporte ou

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 4.144.118

orientação em função da participação no estudo. Caso ocorra, especifica-se que as participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores, por meio dos endereços de e-mail e número de telefone móvel informados nos TCLEs. Além disso, é informado no projeto e nos Termos que o suporte e/ou orientação às participantes poderão ser articulados com profissionais e serviços da rede, observadas as demandas, a fim de oferecer atendimento adequado.

Não há previsão de benefício imediato, exceto, conforme indicado, a satisfação de colaborar com o desenvolvimento de novos conhecimentos para a psicologia e contribuir com a promoção de maior visibilidade à população lésbica, historicamente apagada em nossa sociedade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de pesquisa que busca analisar o papel da satisfação corporal e sua relação com o perfeccionismo físico, a comparação social e a autoestima, bem como identificar se eles influenciam a identidade lésbica. O projeto apresenta os objetivos e os procedimentos metodológicos a serem empregados de modo adequado.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

- Apresenta os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os Estudos 1 e 2, os quais estão em linguagem acessível, contendo as informações e garantias necessárias às participantes.
- Apresenta a Folha de Rosto, devidamente assinada, e o parecer da Comissão de Pesquisa do Instituto de Psicologia.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

- Projeto adequado em seus aspectos éticos e metodológicos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Recomendamos a todos os pesquisadores que avaliem os seus projetos de pesquisa em andamento e considerem os impactos da COVID-19 na continuidade de sua realização.

Esta recomendação se aplica a todos os projetos de pesquisa. Devem ser avaliadas as situações de interação pessoal em coletas de dados e outras situações decorrentes da realização dos estudos.

Caso necessite de uma consultoria, o CEP do Instituto de Psicologia fica à disposição para discutir cada situação de forma pontual.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO SUL



Continuação do Parecer: 4.144.118

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1534245.pdf	15/06/2020 17:40:46		Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer.pdf	15/06/2020 18:24:33	ANA KARINA ROBINSON	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudo_1_e_Estudo_2.pdf	15/06/2020 18:23:47	ANA KARINA ROBINSON	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Dissertacao_Anak_Robinson_atualizado.pdf	15/06/2020 15:45:34	ANA KARINA ROBINSON	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	27/04/2020 17:37:20	ANA KARINA ROBINSON	Aceito
Outros	Parecer_Projeto_38832.jpg	27/04/2020 12:46:02	ANA KARINA ROBINSON	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 08 de Julho de 2020

---

Assinado por:  
Oriana Holsbach Hadler  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116  
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003  
UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

## **Anexo G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudo 1**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar como voluntária em uma pesquisa que visa analisar o papel da satisfação corporal e sua relação com o perfeccionismo físico, a comparação social e a autoestima, bem como identificar se eles influenciam a identidade lésbica. Este estudo tem como título “Identidade Sexual e Autoavaliação da Imagem Corporal: estudo exploratório com mulheres lésbicas” e está sendo desenvolvido pela pesquisadora Ana Karina Robinson e por seu orientador, o Dr. Adolfo Pizzinato, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa oferece baixo risco para você, mas caso você sinta algum desconforto ou perceba a necessidade de suporte ou orientação decorrente da participação no estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores por meio dos e-mails [robinsonak.psi@gmail.com](mailto:robinsonak.psi@gmail.com) ou [adolfofizzinato@hotmail.com](mailto:adolfofizzinato@hotmail.com), ou por meio do telefone (51) 99812-3396. O suporte ou orientação ao participante poderão ser articulados com profissionais ou serviços da rede quando necessário, para garantir atendimento adequado. Você não terá benefícios diretos por participar da pesquisa, a não ser a satisfação de colaborar com o desenvolvimento de novos conhecimentos para a psicologia, o que é muito importante. Fique à vontade para decidir participar ou não. Mesmo se você decidir participar, você pode desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para participar, você terá de responder a questionários *online* sobre pensamentos, sentimentos e a relação com o seu corpo, perguntas sobre autoestima, sobre comparação social; questões sobre a identificação como mulher lésbica, além de questões sobre uso de redes sociais. Essas atividades lhe tomarão aproximadamente o tempo de 30 minutos. Nós precisaremos saber a respeito de alguns de seus dados pessoais, no entanto, essas informações ficarão sob sigilo, sendo que apenas os dois pesquisadores terão acesso ao que você responder. A pesquisa é parte da dissertação de mestrado de Ana Karina Robinson, na qual os resultados serão apresentados. Se a pesquisa trouxer dados interessantes, é possível que eles sejam publicados em uma revista científica ou apresentados em eventos científicos como, por exemplo, seminários e congressos. Mesmo assim, ninguém saberá que você participou do estudo, pois garantimos que seu nome jamais será mencionado. Todo o material que você preencher será guardado sigilosamente durante cinco anos no Núcleo de Estudos e Intervenção Psicossocial à Diversidade –NEPsiD, dentro do Instituto de Psicologia da UFRGS.

O projeto de estudo que deu origem a essa pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, que autorizou a sua realização, atestando que foram tomados todos os cuidados éticos. Fique a vontade para fazer qualquer pergunta sobre o estudo.

Esse projeto é composto por dois estudos. Ao participar desta primeira parte da pesquisa, você poderá ser convidada a participar de um segundo momento de entrevistas, que ocorrerá mais adiante, após a conclusão da primeira etapa. Os pesquisadores entrarão em contato com você para realizar o convite.

Ainda, sugerimos que você salve ou imprima esse documento como forma de manter consigo uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pois ele contém as informações sobre a pesquisa e os contatos dos pesquisadores, bem como do Comitê de Ética no qual a pesquisa foi avaliada.

Fui informada dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito do que terei de fazer para participar da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. A pesquisadora Ana Karina Robinson certificou-me de que todos os dados desse estudo são confidenciais, e terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, se assim eu desejar. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, posso contatar a pesquisadora Ana Karina Robinson ou o professor Adolfo Pizzinato no fone (51) 99812-3396 para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante deste estudo, ou se penso que fui prejudicada pela minha participação. Posso também chamar outra pessoa que trabalhe na pesquisa ou contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre/RS, telefone (51) 3308-5066 ou pelo e-mail [cep-psico@ufrgs.br](mailto:cep-psico@ufrgs.br)).

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura da Pesquisadora

## **Anexo H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Estudo 2**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar como voluntária em uma pesquisa que visa analisar o papel da satisfação corporal e sua relação com o perfeccionismo físico, a comparação social e a autoestima, bem como identificar se eles influenciam a identidade lésbica. Este estudo tem como título “Identidade sexual e autoavaliação da imagem corporal: estudo exploratório com mulheres lésbicas” e está sendo desenvolvido pela pesquisadora Ana Karina Robinson e por seu orientador, o Dr. Adolfo Pizzinato, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa oferece baixo risco para você, mas caso você sinta algum desconforto ou perceba a necessidade de suporte ou orientação decorrente da participação no estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores por meio dos e-mails [robinsonak.psi@gmail.com](mailto:robinsonak.psi@gmail.com) ou [adolfofizzinato@hotmail.com](mailto:adolfofizzinato@hotmail.com), ou por meio do telefone (51) 99812-3396. O suporte ou orientação ao participante poderão ser articulados com profissionais ou serviços da rede quando necessário, para garantir atendimento adequado. Você não terá benefícios diretos por participar da pesquisa, a não ser a satisfação de colaborar com o desenvolvimento de novos conhecimentos para a psicologia, o que é muito importante. Fique à vontade para decidir participar ou não. Mesmo se você decidir participar, você pode desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para participar, você terá de responder a questões de uma entrevista que busca conhecer a percepção de mulheres lésbicas sobre a pressão social na busca pelo ideal de imagem corporal veiculado nas mídias impressa e digital, bem como compreender as relações que mulheres lésbicas possuem com aparência física e o uso de redes sociais, bem como de aplicativos de busca por relacionamentos. Essa atividade poderá ser realizada de forma presencial ou por teleconferência (ex: Skype, Google Hangouts). Caso seja possível a entrevista ocorrer de forma presencial, você poderá sugerir um local que seja confortável para você. Não sendo possível o encontro de forma presencial, você poderá combinar um dia e horário com a pesquisadora para realização da entrevista por meio de teleconferência. Essa atividade lhe tomará o tempo de aproximadamente 50 minutos. A pesquisa é parte da dissertação de mestrado de Ana Karina Robinson, na qual os resultados serão apresentados. Se a pesquisa trazer dados interessantes, é possível que eles sejam publicados em uma revista científica ou apresentados em eventos científicos como, por exemplo, seminários e congressos.

Mesmo assim, ninguém saberá que você participou do estudo, pois garantimos que seu nome jamais será mencionado. Todo o material de você preencher será guardado sigilosamente durante cinco anos no Núcleo de Estudos e Intervenção Psicossocial à Diversidade –NEPsiD, dentro do Instituto de Psicologia da UFRGS. O projeto de estudo que deu origem a essa pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, que autorizou a sua realização, atestando que foram tomados todos os cuidados éticos. Fique a vontade para fazer qualquer pergunta sobre o estudo.

Sugerimos que você salve ou imprima esse documento como forma de manter consigo uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pois ele contém as informações sobre a pesquisa e os contatos dos pesquisadores, bem como do Comitê de Ética no qual a pesquisa foi avaliada.

Fui informada dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito do que terei de fazer para participar da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. A pesquisadora Ana Karina Robinson certificou-me de que todos os dados desse estudo são confidenciais, e terei liberdade de retirar meu consentimento de participação da pesquisa, se assim eu desejar. Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, posso contatar a pesquisadora Ana Karina Robinson ou o professor Adolfo Pizzinato no fone (51) 99812-3396 para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante deste estudo, ou se penso que fui prejudicada pela minha participação. Posso também chamar outra pessoa que trabalhe na pesquisa ou contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre/RS, telefone 51-3308-5066 ou pelo e-mail [cep-psico@ufrgs.br](mailto:cep-psico@ufrgs.br)).

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora